

I SEMINÁRIO DE
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
DA FUMEC

**CADERNO DE
ARTIGOS**

10 A 12 DE MAIO DE 2004
BELO HORIZONTE • MINAS GERAIS

UNIVERSIDADE
FUMEC

PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
SETOR DE EXTENSÃO

Fundação Mineira de Educação e Cultura - FUMEC

Av. Afonso Pena, 4171
 Mangabeiras • BH/MG
 Tel. (31) 3227-5100
 Fax.: (31) 3227-5995
 Site: www.fumec.br
 E-mail: fundacao@fumec.br

Conselho de Curadores

Conselheiros Efetivos

Prof. Eugênio Frederico Macedo Parizzi
PRESIDENTE
 Prof. Luiz de Lacerda Júnior
VICE-PRESIDENTE

Prof. Antônio Eugênio de Salles
 Prof. Antonio Pereira dos Santos
 Prof. Marco Contigli
 Prof^ª. Maria Carmen Gomes Lopes

Universidade Fumec

Rua Gonçalves Dias, 31
 B. Funcionários
 Tel. (31) 3227-5100
 Fax.: (31) 3227-4266
 Site: www.fumec.br
 E-mail: fundacao@fumec.br

REITORA

Prof^ª. Romilda Rachel Soares da Silva

VICE-REITORA

Prof^ª. Maria Carmen Gomes Lopes

PRÓ-REITORA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Prof^ª. Divina S. Lara Vivas

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

Prof. Roberto Uchôa Costa

SETOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Prof. Sérgio Augusto Chagas de Laia (Coordenador)

SETOR DE EXTENSÃO

Prof^ª. Renata de Souza Guerra (Coordenadora)

COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO (CPA)

Maria Helena de Oliveira Guimarães (Coordenadora)

SETOR DE REGISTRO E INFORMAÇÕES ACADÊMICAS

Janet Míriam Lourenço (Assessora)

Comissão de Extensão

Prof. Emerson Tardieu A. Pereira Jr.
 Prof. Eduardo Chahud
 Prof. Emiliano Vital de Souza

FACULDADES DA UNIVERSIDADE FUMEC

FACE

DIRETOR GERAL

Prof. Antônio Eugênio de Salles Coelho

DIRETORA DE ENSINO

Prof^ª. Maria da Conceição Rocha

DIRETOR ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO

Prof. Dimas de Melo Braz

FCH

DIRETOR GERAL

Prof. Amâncio Fernandes Caixeta

DIRETORA DE ENSINO

Prof^ª. Audineta Alves de Carvalho de Castro

DIRETOR ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO

Prof. Benjamin Alves Rabello Filho

FEA

DIRETOR GERAL

Prof. Paulo Roberto Henrique

DIRETOR DE ENSINO

Prof. Luiz de Lacerda Júnior

DIRETOR ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO

Prof. Márcio Dario da Silva

SUMÁRIO

Apresentação	4
Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Fumec	6
Gestão da Extensão Universitária - Caminhos e Desafios	8
• Prof ^ª . Maria Helena de Oliveira Guimarães	
Tecnologia, Ambiente e Cultura	
Arte, Design e Cidadania	17
• Prof. José Octávio Vieira Cavalcanti	
O sal da terra	19
• Prof ^ª . Renata Felipe Silvino	
Ação Comunitária	
Oficina de recreação no Projeto "Menino no Parque"	29
• Prof ^ª . Vânia de Fátima Noronha Alves	
Atenção aos portadores de necessidades especiais	33
• Prof ^ª . Ana Heloísa Senra	
• Prof ^ª . Tânia Ferreira	
• Prof ^ª . Valéria Barbosa de Resende	
Estudo de caso - Tratamento de encostas da Vila Senhor dos Passos	38
• Prof. Luis Fernando Farah de Araújo	
Programa Alfabetização Solidária	48
• Valéria Barbosa de Resende	
Unisol: uma experiência, seus desafios e possibilidades	53
• Sônia Onofri de Oliveira	
Acadêmico/Profissional	
3ª FET@GE - Feira de tecnologia aplicada e gestão empresarial	63
• Prof. Emiliano Vital de Souza	
Requalificação da Mina de Morro Velho	67
• Prof. Sérgio Ricardo Palhares	
(Re)construindo uma memória técnica como referência para a aprendizagem	72
• Prof ^ª . Gabriela Maria Ladeira F. Torres	

APRESENTAÇÃO

É com alegria que apresento o I Caderno de Extensão da Universidade FUMEC. E minha alegria é dupla. Em primeiro lugar, porque recentemente a instituição conquistou um novo patamar dentro do ensino superior mineiro, sendo credenciada como Universidade, conforme Parecer Nº 923 de 17 de março de 2004 do Conselho Estadual de Educação, homologado pelo Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia e o Decreto Nº 43776 de 2 de abril de 2004, do Governador do Estado de Minas Gerais. Em segundo lugar, porque esse caderno nasce do amadurecimento da prática extensionista da Universidade e do envolvimento de membros dos diversos segmentos de nossa comunidade.

A extensão tem um caráter diferenciado de outras práticas acadêmicas: ela é ampla, diversificada e envolvente. Foi pensada e planejada na Universidade

FUMEC com base em quatro vertentes: atividades esportivas, ação comunitária, desenvolvimento da cultura e atividades acadêmico-profissionais. Contempla desde o canto coral, campeonatos desportivos e feiras temáticas até a intervenção em comunidades carentes e prestação de serviços comunitários.

A extensão promove a alegria, a motivação e a redescoberta do mundo. Porém, mais importante, desperta a consciência de que o papel da universidade é muito mais relevante que sua prática intra-muros. Como instituição social deve colocar o ensino e a pesquisa a serviço da comunidade, considerando as realidades local, regional e nacional. As conquistas e o benefícios da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica não podem ficar restritos, devendo ser estendidos a todos os setores da sociedade, e especialmente, àqueles notadamente

marcados por condições sócio-econômicas aquém do desejado para o desenvolvimento humano.

Ao propiciar aos alunos e professores contato e vivência com realidades diferenciadas e estimular ações para o atendimento de demandas sociais complexas, a Universidade FUMEC cumpre sua missão de contribuir para a transformação da sociedade formando cidadãos responsáveis e comprometidos com o social, a justiça e a ética.

As atividades extensionistas abrangem diversas áreas de todos os cursos de graduação oferecidos pela instituição, estimulando a prática interdisciplinar e o intercâmbio de conhecimento. Com isso, aumenta o fluxo de informação entre os cursos e as faculdades permitindo que a Universidade FUMEC fortaleça a sua unidade e obtenha sinergia em seus esforços e resultados.

Esse caderno traz a contribuição dos professores para que a prática extensionista e os resultados alcançados pelos trabalhos desenvolvidos possam servir de reflexão para alunos e professores que preocupam-se com a ação transformadora da universidade frente à sociedade, considerando a realidade sócio-econômica de nosso país.

A temática dos artigos é diversificada reforçando a riqueza de possibilidades das atividades de extensão. Espero que alguns desses depoimentos possam emocionar o leitor, pois a emoção é o primeiro passo para qualquer mudança.

Boa leitura!

Prof^a. Romilda Rachel Soares da Silva
Reitora da Universidade FUMEC

PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FUMEC

A Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão tem como atribuições coordenar as políticas definidas pela Universidade FUMEC para as referidas áreas, promovendo a integração e articulação de todas as atividades acadêmicas.

Baseando-se no Programa de Extensão – ProEx, estimula a inserção da FUMEC na sociedade através do apoio, acompanhamento e avaliação das atividades extensionistas desenvolvidas, entendendo a Extensão como a ação que procura fazer uma ponte entre dois lados: o científico e a realidade do dia a dia. Sendo uma via de mão dupla, a Extensão leva à sociedade o conhecimento desenvolvido e traz dessa as demandas e expectativas sobre o papel da universidade.

Movida pela crença de que os resultados dessas atividades devem, necessariamente, ultrapassar os muros da instituição, o I Seminário de Extensão Universitária da FUMEC vem contribuir, de modo efetivo para o crescimento e amadurecimento da comunidade acadêmica, mostrando que a formação profissional se complementa pelo desenvolvimento da cidadania e do papel de agente transformador da sociedade.

ProEx 2002

Quadro 1
PROJETOS APRESENTADOS POR FACULDADE

Faculdade	FACE	FCH	FEA	INTERINSTITUCIONAL	TOTAL
	07	01	18	03	29
Total	07	11	18	03	29

Quadro 2
PROJETOS APROVADOS POR FACULDADE

Faculdade	FACE	FCH	FEA	INTERINSTITUCIONAL	TOTAL
	01	01	04	03	09
Total	01	01	04	03	09

ProEx 2003

Quadro 3
PROJETOS APRESENTADOS POR FACULDADE

Faculdade	FACE	FCH	FEA	INTERINSTITUCIONAL	TOTAL
	08	09	08	03	28
Total	08	09	08	03	28

Quadro 4
PROJETOS APROVADOS POR FACULDADE

Faculdade	FACE	FCH	FEA	INTERINSTITUCIONAL	TOTAL
	07	05	07	03	22
Total	07	05	07	03	22

ProEx 2004

Quadro 5
PROJETOS APRESENTADOS POR FACULDADE

Faculdade	FACE	FCH	FEA	INTERINSTITUCIONAL	TOTAL
	10	08	28	03	49
Total	10	08	28	03	49

Quadro 6
PROJETOS APROVADOS POR FACULDADE

Faculdade	FACE	FCH	FEA	INTERINSTITUCIONAL	TOTAL
	09	08	14	03	34
Total	09	08	14	03	34

GESTÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA – CAMINHOS E DESAFIOS

**Prof^ª. Maria Helena
de Oliveira Guimarães**/FACE
Coordenação do Setor de Extensão
2001/Fev. 2004

OBJETIVO

Discutir alguns aspectos da gestão da extensão dentro das universidades de forma geral, e no Centro Universitário FUMEC de forma específica, mostrando as principais conquistas e dificuldades desse gerenciamento.

PALAVRAS-CHAVE

Gestão, diretrizes conceituais e políticas da extensão, metodologia, responsabilidade social, institucionalização.

INTRODUÇÃO

A extensão universitária tem papel essencial na construção de um novo paradigma do conhecimento e na ampliação do intercâmbio entre a universidade e a sociedade. Com um olhar crítico e criativo, ajuda a desenvolver um saber científico embasado numa cultura humanística e ética, em consonância com as demandas sociais.

Um país com tantos desafios sociais como o nosso determina que as instituições de ensino superior devem trabalhar também no sentido de minimizar as desigualdades e res-

peitar a diversidade, não abdicando da defesa da razão crítica e da gestão de valores fundamentais à condição humana, tais como: a qualidade de vida e o direito à educação, ao progresso e à felicidade.

A universidade brasileira, por ter se solidificado como espaço voltado para a formação de profissionais, de intelectuais e de pesquisadores, tem muitas vezes esquecido de internalizar seu papel social e trabalhar no sentido de transformar de forma consistente a realidade. Essa postura viciada pode ser percebida de forma mais evidente nas instituições privadas, nas quais a extensão universitária, quando ocorre, está dissociada do ensino e da pesquisa, comporta-se de forma reativa e baseia-se em sonhos e iniciativas de um ou outro professor.

As instituições privadas, no entanto, são beneficiárias da concessão de um serviço de responsabilidade do Estado. Belloni (1989, p. 55) destaca que a educação é um serviço ou bem público não só porque é financiado pelo Estado, mas principalmente porque seus benefícios ou malefícios atingem toda a sociedade. Dessa forma, as instituições de ensino superior, sejam elas públicas ou privadas, podem ser consideradas como prestadoras de um serviço voltado para a sociedade, com todas as implicações éticas advindas dessa relação.

Entender a extensão como ação do pro-

cesso educativo é um desafio que se coloca para vários atores dentro das universidades: professores, coordenadores de cursos, chefias de núcleos ou departamentos de disciplinas e dirigentes. Só com a participação de todos é possível fazer da extensão universitária um caminho para uma formação transformadora e para um ensino que estimule, além do desenvolvimento de habilidades técnicas, uma postura ética, voltada para aos problemas sociais. Portanto, a extensão nasce de sua inclusão no projeto pedagógico dos cursos oferecidos pela instituição de ensino e se fortalece em sua inserção no plano de desenvolvimento institucional.

A GESTÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, reassegurado pela Constituição de 1988, mostra que as instituições de ensino superior devem desempenhar um papel a mais do que o de simples repassadoras de conhecimento. Apesar disso, notadamente nas instituições privadas, o ensino é mais valorizado, em detrimento da pesquisa e da extensão. Isso se deve, em parte, à questão do formato institucional, já que a grande maioria das instituições de ensino superior privadas funcionam ou funcionaram durante alguns anos

no modelo não universitário, herdando o mau hábito do foco apenas no ensino.

A institucionalização da extensão é o caminho básico para uma gestão integrada e capaz de reduzir a distância que atualmente separa as atividades acadêmicas, tornando o ensino, a pesquisa e a extensão indispensáveis na rotina universitária. A institucionalização implica, portanto, a adoção de medidas práticas de ordem política, metodológica e estrutural, que serão descritas a seguir.

MEDIDAS E PROCEDIMENTOS DE ORDEM POLÍTICA

As medidas e procedimentos dessa ordem dizem respeito à discussão sobre as políticas e objetivos da prática extensionista para todo ambiente acadêmico, a fim de que a instituição possa definir quais são suas prioridades e os programas que norteiem sua atuação e suas linhas programáticas, visando maior aproveitamento do conhecimento sistematizado pelas diversas áreas do conhecimento da instituição.

Para definir suas políticas, a instituição, inicialmente, deve clarear o que pretende com a atividade extensionista e como a prática deverá ser incentivada em todos os níveis acadêmicos. A partir dessas definições, é possível estabelecer o quanto cada um está disposto a dar para se envolver nesse tipo

de atividade e o quanto de recursos financeiros, humanos e tecnológicos deverá ser alocado para esse fim. A política extensionista refere-se, portanto, às diretrizes conceituais da prática e da vivência.

MEDIDAS E PROCEDIMENTOS DE ORDEM METODOLÓGICA

Nesse contexto, devem ser enfatizadas as ações que buscam responder como o processo acontecerá no âmbito da instituição. A definição das orientações, cronogramas, normas de elaboração, execução e avaliação mostram o caminho da prática e do confronto entre a realidade e a produção do conhecimento. Na definição das metodologias evidencia-se a necessidade de se experimentarem novas estratégias de ensino-aprendizagem e de se buscar a identificação de novos objetos de investigação e pesquisa.

Castelo Branco e Guimarães (2003, p. 33) enfatizam que as metodologias participativas estão sendo apontadas como primordiais para o planejamento, organização, desenvolvimento e avaliação das atividades extensionistas, por estimularem a cooperação, o comprometimento e a solidariedade entre as partes envolvidas. A discussão acadêmica acerca das metodologias de gestão é desafiadora, na medida em que

implica a definição não apenas da práxis extensionista, mas também da opção ideológica em relação ao papel político e social da instituição.

MEDIDAS E PROCEDIMENTOS DE ORDEM ESTRUTURAL

As medidas desta natureza mostram a valorização da atividade dentro da estrutura institucional. Deve-se definir uma prática gerenciada de forma colegiada, na qual todos os níveis hierárquicos possam ter acesso às informações referentes à prática extensionista. A discussão de forma global, nos níveis da reitoria, diretoria, coordenações de curso e núcleos de disciplina, permite que a extensão seja gerida a partir das estruturas curriculares, facilitando a integralização de disciplinas e enriquecendo a vida acadêmica dos docentes. O grau de formalização e representatividade dos setores responsáveis pela extensão determina a real efetivação da prática extensionista na instituição.

A partir dessas considerações, podemos analisar alguns aspectos importantes da prática extensionista no Centro Universitário FUMEC e os principais desafios que se colocam para o futuro.

A GESTÃO DA EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE FUMEC

A transformação da instituição em Centro Universitário FUMEC, em fevereiro de 2000, torna-se um marco para a institucionalização da extensão. Isso porque, com o diagnóstico das práticas extensionistas em curso, observou-se que existia um desequilíbrio entre as faculdades e os cursos que compunham a instituição naquele momento. Em cada uma delas a representação e a conceituação da extensão passava por parâmetros diferentes, de acordo com as especificidades de cada curso e do grau de comprometimento dos coordenadores de curso com a prática extensionista.

Na verdade, o que foi percebido é que, enquanto faculdades isoladas, a cultura extensionista esteve presente nos cursos que, de alguma forma, eram estimulados por demandas sociais.

Com a transformação em uma instituição integrada, o desafio tornou-se plantar um conceito de extensão único, entendido como processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. Dentro desse novo conceito de extensão, tornou-se premente evoluir das iniciativas individuais – a maioria delas im-

portantes e louváveis – para uma ação institucionalizada, isto, é planejada, executada e avaliada segundo a missão, os princípios e os objetivos da FUMEC.

A partir da organização e da formalização das estruturas de gestão, foi instituída a Comissão de Extensão (CoExt), formada por um representante de cada faculdade e pelo coordenador do Setor de Extensão da Reitoria. Portanto, a unificação da prática extensionista nasce baseada em uma concepção de trabalho participativo, capaz de articular as diversas práticas existentes e de trabalhar na construção de uma concepção institucional norteadora do futuro da atividade extensionista dentro da FUMEC.

Dessa idéia nasce o Programa de Extensão ProEx, que procura orientar as práticas futuras, estabelecendo as políticas, objetivos, modalidades, formatos, áreas temáticas e cronograma das atividades caracterizadas como extensão universitária.

Ao mesmo tempo, alguns programas já existentes, de caráter geral, como o Projeto Esportivo-Sócio-Cultural e o Coral Canta Minas, passam a ser gerenciados pela Reitoria, fortalecendo a crença de que a transformação da instituição em um Centro Universitário traz o desafio da construção de uma prática extensionista unificada e que privilegie a interdisciplinaridade, sempre que possível.

Novos passos precisam ser dados para

aprimorar esse gerenciamento. Os avanços até aqui realizados mostram que o dinamismo da prática extensionista exige um esforço de todos, para que o conhecimento advindo dessas experiências subsidie a relação ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo que mostre caminhos para o desenvolvimento de pesquisa focada nos objetivos institucionais voltados para o projeto social do Estado brasileiro, de forma geral, e para a comunidade onde a instituição se insere, de maneira específica.

Para nortear esse caminho, a CoExt elaborou as metas e o plano de ação de Extensão que fazem parte do Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI 2004/2008, dentro do objetivo de ampliar e aperfeiçoar as práticas extensionistas na FUMEC, como descrito a seguir:

Meta 1 **Aumentar anualmente, pelo menos em 20%, o número de projetos aprovados pelo ProEx.**

- Fazer reunião semestral com os coordenadores de curso para incentivar as atividades extensionistas.
- Estruturar em cada Faculdade um Setor de Extensão ligado à coordenação geral da área.
- Estimular a apresentação anual de pelo menos duas propostas de atividades extensionistas por curso.

Meta 2

Fortalecer os programas institucionais nas áreas cultural e esportiva.

- Pesquisar o potencial artístico e desportivo de alunos, professores e pessoal técnico-administrativo.
- Estabelecer convênios externos com grupos culturais e artísticos da comunidade.
- Estimular a utilização das leis de incentivo à cultura.
- Garantir, no *campus* Nova Lima, espaço permanente para eventos culturais e esportivos.
- Assegurar 20% da receita da extensão para atividades culturais.
- Criar o Centro Cultural da Universidade FUMEC.

Meta 3

Enfatizar e incentivar projetos de educação continuada.

- Fazer pesquisa junto à comunidade interna para oferta de cursos de capacitação e aperfeiçoamento para professores e pessoal técnico-administrativo.
- Proporcionar programas de educação continuada a egressos e público atualmente não atendidos.
- Implantar, pelo menos, dois cursos de extensão, via EAD.
- Incentivar a realização de cursos fechados, direcionados a empresas e/ou organi-

zações específicas.

- Criar o Centro de Educação Continuada da Universidade.

Meta 4

Aumentar a participação de alunos e professores em atividades extensionistas que contribuam para a diminuição das desigualdades sociais.

- Promover, semestralmente, seminário de divulgação e discussão da extensão.
- Capacitar professores e alunos na formatação de projetos e captação de recursos.
- Implementar programas que promovam a interdisciplinaridade.
- Estabelecer parcerias com órgãos públicos e entidades privadas, para realizar projetos sociais.
- Incentivar a prática do voluntariado e da responsabilidade social.

Meta 5

Aperfeiçoar os sistemas de acompanhamento, avaliação e informação das atividades extensionistas para as comunidades interna e externa.

- Implantar o Manual de Extensão para toda a comunidade acadêmica.

- Lançar a revista semestral de extensão.
- Fortalecer a Comissão de Extensão (CoExt) nos processos de avaliação e acompanhamento de todas as atividades extensionistas da instituição.
- Rever e aprimorar anualmente o programa institucional de extensão.

Meta 6

Buscar a sustentabilidade financeira do setor.

- Expandir e diversificar fontes de financiamento para os projetos de extensão.
- Garantir recursos no orçamento anual da Universidade FUMEC para atividades de extensão.
- Incentivar o oferecimento de atividades que possam trazer recursos financeiros alternativos para o setor: cursos e prestação de serviços.
- Criar assessoria para captação de recursos para projetos sociais.

O desafio do cumprimento dessas metas é de todos: professores, alunos e gestores da instituição. A ação da extensão pode e deve ser vista como um caminho importante, capaz de ajudar a universidade a repensar suas relações internas e externas à luz dos valores de cidadania, compromisso social e ética, estimulando a revisão de algumas distorções que persistem pela própria história e cultura da instituição.

- fortalecimento da ação extensionista

indica gradativa maturidade institucional para enfrentar problemas e limitações e contribuir de forma efetiva para desenvolvimento da sociedade brasileira.

Referências bibliográficas

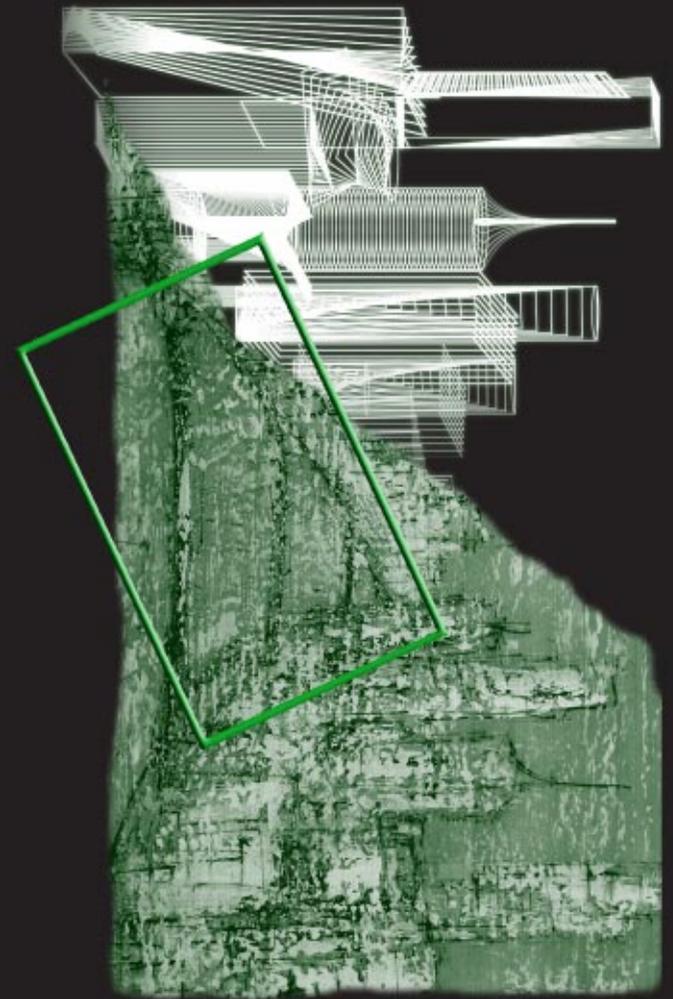
BELLONI, Isaura. *Avaliação da Universidade: por uma proposta de avaliação consequente e compromissada política e cientificamente.*

Extensão Universitária: conceitos, métodos e práticas/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Subreitoria de Desenvolvimento e Extensão; organização Michel Thiollent; Alba Lúcia Castelo Branco; Regina Guedes Moreira Guimarães; Targino de Araújo Filho – Rio de Janeiro, 2003.

Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas/Documentos Básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras; organização Maria das Dores Pimentel Nogueira. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2000.

Metodologia e experiências em projetos de extensão: Organizadores Michel Thiollent, Targino de Araújo Filho, Rosa Leonora Salerno Soares. Niterói: EdUFF, 2000.

TECNOLOGIA, AMBIENTE E CULTURA



ARTE, DESIGN E CIDADANIA

EQUIPE

Professor:

José Octavio Vieira Cavalcanti/FEA
(coordenação)

Alunos bolsistas:

Renata Lobo Motteran
Renata Rodrigues Vita

OBJETIVOS

Aplicar em públicos com perfis diferenciados atividades que estimulem a expressão artística e a criatividade, através de atividades lúdicas, simbólicas e inusitadas, que estimulam os sentidos ótico e tátil, a intuição, o intelecto, o resgate da espontaneidade e a valorização do que é individual no ser humano, partindo do pressuposto de que a arte é acessível a todos e resultante da comunicação e expressão de sentimentos e pensamentos inteligentes que se relacionam diretamente com o mundo exterior, respeitando as especificidades culturais de cada contexto social.

PALAVRAS-CHAVE

Potencialidades, subjetividade, sensibilidade, fantasia, percepção, reflexão, vivência, experimentação, expressão, observação, conscientização, crítica, representação, construção, improvisação.

METODOLOGIA

Tendo como pressuposto o respeito incondicional pela individualidade do aluno,

o professor não atua como transmissor de conhecimento, mas como facilitador, desempenhando o papel de animador, com a flexibilidade suficiente para perceber os interesses dos alunos, aprofundando superficialidades e capitalizando ações para esse fim.

Para que a troca de experiências com os alunos possa se realizar com a fluidez necessária, a metodologia empregada deve ser totalmente flexível, atenta às demandas específicas de cada grupo, às propensões mais acentuadas para determinados tipos de atividades e às aptidões. A noção do certo ou errado é considerada totalmente fora de propósito, assim como nunca são feitas comparações entre os trabalhos dos alunos, apesar de um participar efetivamente do processo criativo dos demais.

Além das atividades em atelier, são realizados trabalhos externos, no caso em Belo Horizonte e Ouro Preto, agregando pessoas das comunidades visitadas.

RESULTADOS ALCANÇADOS

As principais ações multiplicadoras relacionadas com cidadania e ocorridas na prática até o final do projeto foram as incorporações de 20 alunos de Ouro Preto, de 13 a 60 anos, e de 17 crianças da Barragem Santa Lúcia, que se integraram espontaneamente ao nosso grupo de 14 alunos para desenhar o Morro do Papagaio, em Belo

Horizonte. A produção dos três grupos comprovou na prática que a arte é acessível a todos, independentemente dos contextos sociais nos quais estão inseridos.

O registro sistemático de toda a nossa trajetória possibilitou a criação de um banco de dados cujas informações processadas vêm sendo utilizadas na contextualização das atividades do Núcleo de Experimentação I do Curso de Design da FUMEC. Com base nesses registros, o Programa Básico ilustrado foi entregue aos novos alunos do Núcleo neste semestre, e *datashows* vêm sendo apresentados para ilustrar as suas diversas fases: sensibilização, técnicas, produção e socialização.

Referências bibliográficas

OSINSKI, Dulce Regina Baggio - *Arte, História e Ensino - uma trajetória* - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleções questões de nossa época; v. 79)

ARNHEIM, Rudolf - *INTUIÇÃO E INTELLECTO NA ARTE* (tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão da tradução Daniel Camarinha da Silva) - São Paulo, Martins Fontes, 1989

O SAL DA TERRA

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

EQUIPE

Professora:

Renata Felipe Silvino/FEA
(coordenação)

Alunos bolsistas:

Luana Cristeli Senna
Fernanda Júnia de Oliveira
Amanda Felix
Daniel Lara Seabra
Douglas Roberto Bittencourt Rezende
Frederico Santos da Mata
Iara Labaki Suckau
José Xavier Guimarães Neto
Juliana Bustamante de Monti Souza
Nathália Villela
Priscila Carvalho Bueno

OBJETIVO GERAL

Desenvolver programas e ações de educação ambiental para crianças e adolescentes de escolas públicas, a fim de desenvolver uma consciência ecológica, proporcionar o resgate da cidadania e promover uma melhor qualidade de vida.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Propiciar reflexão e crítica quanto à mudança de posturas da sociedade em relação ao meio ambiente;
- Possibilitar atividades visando à reeducação de hábitos e atitudes básicas que propiciem uma melhoria da qualidade de vida;
- Promover diversas atividades educacionais (oficinas temáticas, coleta seletiva do lixo, feiras, palestras, caminhadas ecológicas), que valorizem a construção do conhecimento e a participação ativa do público-alvo;
- Promover o resgate da cidadania pela

valorização do tempo livre de crianças e adolescentes, por meio de atividades educacionais de âmbito ambiental;

- Formar agentes multiplicadores capazes de estimular a análise crítica das questões ambientais e sociais na comunidade.

PALAVRAS-CHAVE

Educação ambiental, consciência ecológica, qualidade de vida.

METODOLOGIA

Desenvolvimento de programas e ações de educação ambiental para alunos de 6 a 15 anos de idade na Escola Municipal “Santos Dumont”, durante o período de seis meses. As atividades realizadas por alunos dos cursos de Engenharia Ambiental, Turismo e Comunicação da FUMEC se fundamentaram principalmente no desenvolvimento e aplicação de oficinas de educação ambiental, em que cada participante foi visto como elo de uma cadeia de multiplicação para o despertar de uma consciência ecológica. Mudanças de hábitos que propiciam uma melhoria da qualidade de vida e do comportamento em relação ao meio ambiente e a reflexão sobre os problemas ambientais foram priorizadas durante as práticas de educação ambiental desenvolvidas.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto “O Sal da Terra” desenvolveu programas e ações de educação ambiental para os alunos da Escola Municipal “Santos Dumont”, sob direção do professor Carlos Lúcio Generoso, que forneceu, juntamente com o corpo docente, todo o apoio possível para a concretização das atividades.

O nome do projeto foi inspirado na música “O Sal da Terra”, de Beto Guedes e Ronaldo Bastos, que aborda a problemática ambiental de forma lúdica e educativa.

“Terra, és o mais bonito dos planetas
Tão te maltratando por dinheiro,
Tu que és a nave, nossa irmã
Canta, leva tua vida em harmonia
E nos alimenta com seus frutos,
Tu que és do homem a maçã”
(Trecho da música “O Sal da Terra”, de Beto Guedes e Ronaldo Bastos)

As oficinas, atividades lúdicas e variadas, de curta duração, que buscam questionar e resgatar a percepção e a concepção do contato do indivíduo com o meio ambiente, favorecendo ações que melhorem a qualidade de vida, constituíram a principal atividade do projeto. A oficina tem três momentos: sensibilização, criação/realização e reflexão/comunicação, que correspondem a sentir, transformar e pensar/falar sobre um determinado tema que necessite de um trabalho de grupo.

Atividades lúdicas foram priorizadas,

principalmente para os alunos do 1º ciclo (6 a 8 anos), pois são importantes para o desenvolvimento da criança e sua interação com seu ambiente. Mostras de vídeos, orientação de excursões ecológicas e palestras seguidas por discussões também fizeram parte das atividades. A equipe do projeto também participou de atividades desenvolvidas pela escola para criar vínculos com os alunos e abrir espaço para o desenvolvimento de atividades complementares relacionadas com a temática ambiental.

De acordo com a Agenda 21 (cap. 36), a educação ambiental é conceituada como um processo que visa “desenvolver uma população que seja consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas que lhe são associados, e que tenha conhecimentos, habilidades, atitudes, motivações e compromissos para trabalhar individual e coletivamente na busca de soluções para os problemas existentes e para a prevenção dos novos”. Tendo em vista este conceito, as experiências pessoais dos alunos foram valorizadas no desenvolvimento de todas as vivências propostas, possibilitando-lhes uma nova forma de compreender a realidade e nela interferir.

Segundo MINC (1997), educação ambiental é mudança de comportamento que possibilita aos indivíduos a aquisição de valores sociais, vínculos efetivos fortes

para com o ambiente e motivação para participarem ativamente na sua proteção e melhoria. Esta mudança pode ser estimulada na escola como um todo e também na equipe de trabalho formada para o desenvolvimento do projeto “O Sal da Terra”.

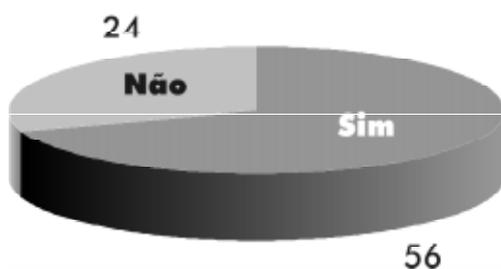
As práticas de educação ambiental podem ser inseridas através de diferentes formas de trabalho na rotina escolar, como o desenvolvido pelo presente projeto, mas, como mencionado na Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/99), “a prática educativa das questões ambientais deve ser integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal”. Em especial, o primeiro parágrafo do artigo 10 desta lei determina que “a educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino”, e sim como eixo integrador de todas as disciplinas.

A interdisciplinaridade, portanto, constitui um desafio para os educadores, provocando a participação de todo o corpo docente e discente, em prol das questões ambientais. O presente projeto colabora com este desafio através de atividades extracurriculares, que podem sensibilizar e mobilizar a escola no processo de ensino e aprendizagem da temática ambiental.

PÚBLICO-ALVO

Na primeira etapa do projeto, iniciamos uma sondagem do público-alvo. Os alunos da E. M. "Santos Dumont" residem em vários bairros de Belo Horizonte, como São Lucas, Taquaril, Paraíso, Saudade, Alto Vera Cruz, Cafezal, Serra e Fazendinha, mesmo estando a escola situada no Bairro Santa Efigênia. Este fato dificulta uma maior participação da comunidade no ambiente escolar, já que a maior parte dos alunos reside em outros bairros. Em uma amostragem de 80 alunos, foram apresentadas diversas questões. Constatou-se que a maioria tem acesso a áreas arborizadas (GRAF.1), como praças e parques, apesar de alguns alunos caracterizarem esses locais como pouco arborizados e de difícil acesso.

Gráfico 1
Acesso a área arborizada



A maioria dos alunos identifica a presença de poluição visual e sonora em seus bairros, sendo a última em menores porcentagens (GRAF. 2 e 3).

Gráfico 2

Poluição Visual

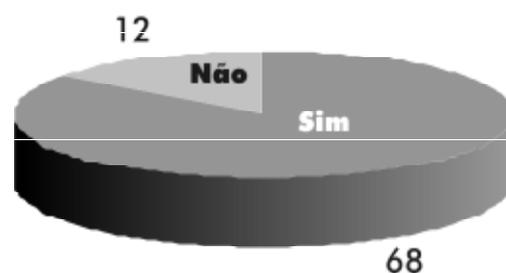
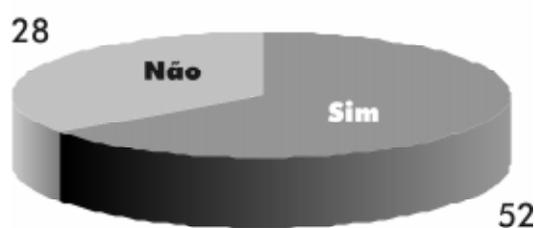


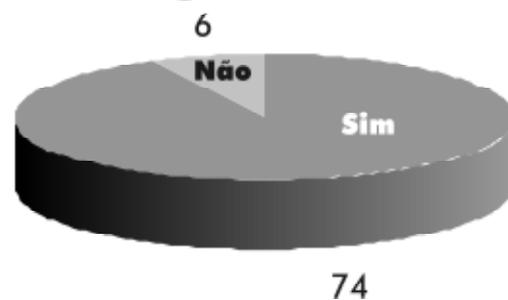
Gráfico 3

Poluição Sonora



Apesar de a maioria ter dito ter acesso à rede de esgoto e a coletores de lixo, é conhecido o fato de que as diversas vilas e aglomerados da Zona Leste de Belo Horizonte, como Taquaril e Vila Fazendinha, apresentam um sistema de esgoto e coleta de lixo deficiente ou ausente (GRAF. 4).

Gráfico 4
Rede de esgoto e coletor de lixo



Outros temas abordadas pelos alunos nos questionários nos itens relacionados aos

bairros a qual eles residem são miséria, violência e precariedade habitacional. Segundo DIAS (1993) a educação ambiental é mais necessária ainda em países como o Brasil, dadas as cruéis realidades sócio econômicas ali instauradas, sob a égide de modelos de desenvolvimento impostos, de notória capacidade de degradação da qualidade de vida.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O projeto passou por diversas adaptações, de acordo com análise do público-alvo, o dia-a-dia e as demandas da escola. Trabalhamos inicialmente, com os alunos do 1º ciclo, temas relacionados a saúde e higiene, por solicitação dos professores e pela necessidade dos alunos. Muitas crianças, infelizmente, desconhecem ou não colocam em prática as noções básicas de higiene e de cuidado com a saúde. As oficinas enfatizaram esses temas e valorizaram atitudes de solidariedade e cooperação, como a conservação da limpeza no ambiente escolar.

As oficinas e demais atividades foram aplicadas em aulas cedidas pelos professores ou em horários disponibilizados por diversas razões, como a realização de reuniões pedagógicas. Por algumas vezes, devido à falta de disponibilidade de horários, nos deparamos com interrupções ao nosso trabalho.

O planeta é nossa grande casa, mas as mudanças na forma de lidar com o mundo e com a natureza começam nos espaços que ocupamos com maior frequência, como a escola. O projeto valorizou a oportunidade de os alunos de avaliarem, a partir de sua realidade, sua forma de estar no mundo e de se relacionar com ele. Vários temas trabalhados, como desperdício de energia e de água, conservação do espaço escolar e coleta seletiva de lixo, forneceram elementos para análise crítica e mudança de valores, hábitos e atitudes. O fato de a E. M. Santos Dumont possuir uma área de aproximadamente 20 mil m², arborizada, ocupada por minas d'água, horta e com presença de micos, facilitou em muito a abordagem ambiental nas atividades desenvolvidas.

A Ecogincana, evento de encerramento do projeto com os alunos da 6ª e 8ª séries, teve como objetivos estimular o reaproveitamento de papel e, por extensão, a coleta seletiva de lixo; estimular a criatividade e a reflexão sobre os problemas ambientais urbanos. A arrecadação e a doação de materiais (papel, papelão, jornal, latas de alumínio e garrafas *pet*) recolhidos pelos alunos constituíram tarefas promovidas pela gincana. O evento, além de sensibilizar a comunidade escolar para a coleta seletiva, promoveu a integração dos alunos e colaborou com as famílias dos fun-

cionários da escola, que complementam o seu orçamento vendendo material reciclável.

PARCERIA E VOLUNTARIADO

A parceria com a SLU, através das apresentações de suas peças de teatro e apoio logístico, também constituiu um aspecto positivo, por nos ajudar a levantar problemas, como a quantidade de lixo produzida, e soluções, como a prática dos 3Rs. O primeiro R, de redução, consiste em diminuir a quantidade de lixo produzido, desperdiçar menos, consumir só o necessário, sem exageros. O segundo R, de reutilização, sugere que se reaproveitem embalagens, plásticos e vidros. Por fim, o R de reciclagem fornece nova vida a materiais a partir da reutilização de sua matéria-prima para fabricar novos produtos.

O trabalho da equipe do projeto – alunos dos cursos de Engenharia Ambiental, Turismo e Comunicação da FUMEC – foi essencial para a concretização das atividades programadas, nos períodos da manhã e tarde, com alunos de 6 a 15 anos (1º e 2º ciclos). Os monitores demonstraram ser verdadeiros agentes multiplicadores, preocupados com a vivência pessoal, mas também em promover de maneira entusiástica a preservação ambiental e a qualidade de vida.

Um mutirão na horta da escola foi tam-

bém realizado, com a participação de monitores e professores da escola. A reutilização de garrafas *pet* nos canteiros, uma idealização dos professores responsáveis pela horta, Luís Carlos de Brito e Antônio Faria Cardoso, constitui iniciativa econômica e eficiente, por tratar-se de um material às vezes considerado inútil. Atividades como esta foram estimuladas principalmente porque pequenos gestos, aparentemente banais, geram benefícios em cadeia, evitando, por exemplo, o aumento da quantidade gerada de resíduos sólidos.

RESULTADOS

- O público-alvo teve participação ativa nas atividades, propiciando o desenvolvimento de hábitos e atitudes básicas que propiciam uma melhoria da qualidade de vida e do comportamento da sociedade em relação ao meio ambiente. A reflexão sobre os problemas ambientais tornou-se mais constante entre os alunos envolvidos pelo projeto, tornando-os motivados para participarem ativamente na proteção e melhoria de seu meio ambiente como um todo.

- Jogos e oficinas com a temática ambiental foram desenvolvidos, com resultados muito positivos. As atividades podem ser adaptadas para diferentes enfoques ou temas, em diversos programas e ações de educação ambiental.

- Apoio e colaboração de professores e funcionários da escola no desenvolvimento do projeto.

- Capacitação da bolsista Luana Cristeli Senna (aluna do curso de Engenharia Ambiental) e da aluna voluntária Fernanda Júnia de Oliveira (aluna do curso de Turismo) no planejamento e execução de programas e ações de educação ambiental.

- Capacitação de nove monitores voluntários na aplicação de oficinas e atividades de educação ambiental.

Referências bibliográficas

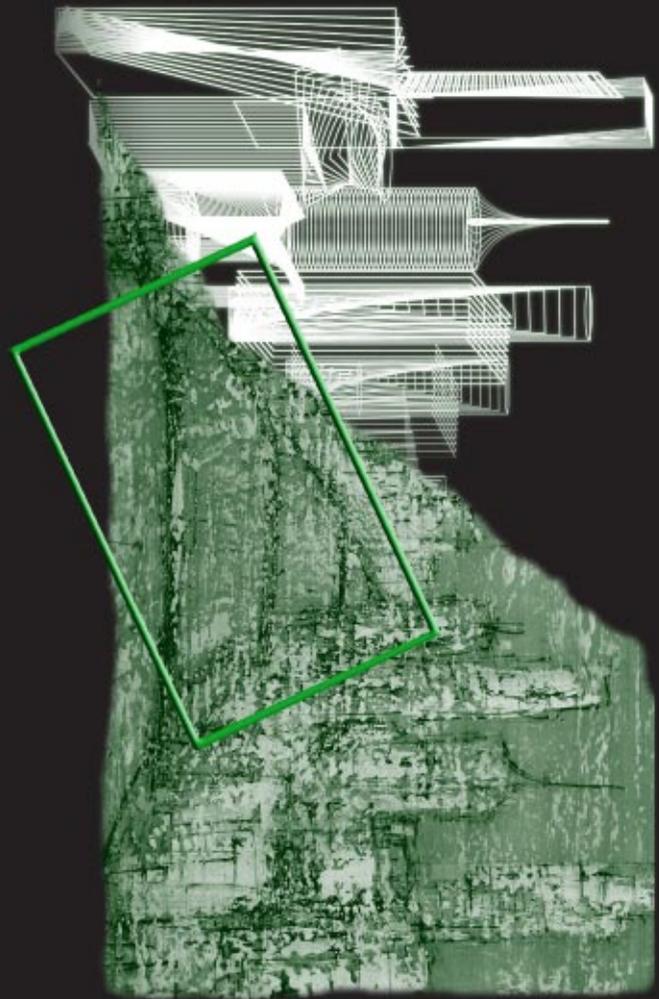
Decreto 4.281, de 25.06.2002 – Regula-
menta a Lei nº 9.795, de 27 de abril de
1999. FAZENDA, I.C.A. *Interdisciplina-
ridade histórica, teoria e pesquisa*. São Pau-
lo: Papyrus, 1997.

DIAS, G. F. *Educação ambiental: princípios e
práticas*. São Paulo: Gaia, 1993, 400p.

MINC, C. *Ecologia e cidadania*. São Paulo:
Moderna, 1997, 128p.

UNCED. Capítulo 36 da Agenda 21. Pro-
moção de educação, conscientização públi-
ca e treinamento. Rio de Janeiro, 1992.

AÇÃO COMUNITÁRIA



OFICINA DE RECREAÇÃO NO PROJETO “MENINO NO PARQUE”

EQUIPE

Professora:

**Vânia de Fátima
Noronha Alves**/FACE
(Coordenação)

Alunos bolsistas:

Renata Drumond de Martins
Marcos Carvalho de Miranda Junior

OBJETIVOS

- Proporcionar aos alunos bolsistas experiências com a coordenação de oficinas em projetos de políticas públicas vinculadas ao turismo e lazer, visando à educação para a cidadania;
- Aplicar conhecimentos apreendidos nas disciplinas relacionadas ao lazer, articulando a teoria e a prática.

PALAVRAS-CHAVE

Recreação, criança, projeto social.

METODOLOGIA

A atividade de extensão foi desenvolvida no Parque das Mangabeiras, no Projeto “Menino no Parque”, que atendeu ao longo de 2003 cerca de 180 crianças e adolescentes, na faixa de 5 a 14 anos. Computando uma carga horária de 20 horas semanais, os alunos participaram, semanalmente, de reuniões com a orientadora, além de ministrar as oficinas.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Após o primeiro momento de inserção e conhecimento do projeto, os alunos, atendendo a demanda, assumiram a oficina de recreação para as crianças de 5 a 7 anos. Várias atividades lúdicas foram desenvolvidas, como brincadeiras, filmes, teatro, gincanas, construção coletiva de um parque de pneus, excursões internas e externas.

O respeito ao colega, a criatividade, a alegria, a participação, a sensibilização a respeito do meio ambiente e o lúdico foram os pontos de destaque nessa atuação. As crianças demonstraram ao longo das atividades alegria, interesse, segurança, confiança e auto-estima. Isto pôde ser observado nos momentos coletivos, principalmente na roda, no almoço e na transição para oficinas na idade subsequente.

Os alunos bolsistas puderam articular a teoria com a prática, questionando seus próprios paradigmas, além de conviver e intervir em uma realidade social diferente da deles, relacionando-se com crianças de nível socioeconômico comprometido, em situação de risco.

Texto:

Oficina de recreação no Projeto "Menino no Parque"

A FACE/FUMEC foi contactada no ano de 2003 pela direção do Parque das Mangabeiras para desenvolver projetos articulados ao turismo, como a criação e implantação de trilhas e mirante. Desta proposta surgiu uma solicitação de parceria com o projeto denominado "Menino no Parque". Este projeto é uma iniciativa da Prefeitura de Belo Horizonte, em convênio com outras instituições, como a Amas, ao longo dos últimos dez anos.

Em 2003, atendeu em torno de 180 crianças e adolescentes do conglomerado da Serra, em situação de risco, por meio de oficinas variadas - recreação, horta, jardinagem, capoeira, informática, materiais recicláveis, leitura, teatro, circo -, realizadas nos períodos da manhã e da tarde. A participação das crianças e adolescentes está vinculada a matrícula e frequência na escola regular.

A demanda apresentada à FUMEC foi a de encaminhar estagiários para coordenar e desenvolver projetos nessas oficinas, bem como trabalhar com as famílias das crianças envolvidas. Os objetivos iniciais do projeto foram:

- proporcionar aos alunos bolsistas experiências com a coordenação de projetos

em políticas públicas vinculadas ao turismo e ao lazer;

- participar, junto com a comunidade, de projetos sociais, visando à educação para a cidadania;

- aplicar conhecimentos desenvolvidos nas disciplinas Animação Turística, Recreação e outras;

- proporcionar a outros alunos(as) a participação em atividades como voluntários.

Após a seleção dos alunos bolsistas, iniciamos nossa intervenção no projeto, que pode ser identificada em três momentos:

1) Na primeira etapa dos trabalhos, os esforços foram no sentido de entender e compreender a dinâmica do projeto. Nesse sentido, foram realizadas reuniões com sua coordenação pedagógica, para conhecer a estrutura administrativa, pedagógica e física. Em seguida, os alunos fizeram um rodízio pelas oficinas oferecidas para as diferentes idades atendidas, observando o trabalho desenvolvido em cada uma delas. Por fim, surgiu a demanda de atendimento às crianças de 5 a 7 anos, na oficina de recreação, ou, como foi batizada no projeto, Oficina de Brincar. A partir de então, ficou definida a participação dos alunos, que atenderam em média 20 crianças por turno. Nesse momento foi realizado um diagnóstico familiar delas, por meio de atividades lúdicas.

2) O segundo momento denominamos de “Oficina de Brincar” propriamente dita. Para sua realização, definimos coletivamente o planejamento das atividades, a execução e a avaliação. A leitura de textos, principalmente no início, foi fundamental para subsidiar essa etapa de aplicação das teorias do brincar como base do desenvolvimento de aprendizagens. Destacamos as brincadeiras cantadas, os jogos, as gincanas, a construção coletiva do parquinho de pneus, as diversas atividades por ele proporcionadas, a semana do meio ambiente, a conscientização sobre o lixo, visita ao viveiro e à cascatinha, os filmes, leituras de histórias e dramatização. Além disso, a participação nas atividades em conjunto com as outras oficinas, como a festa junina, a semana da criança, dentre outras.

3) O terceiro momento foi marcado por um período de mudanças internas no projeto, tanto na sua estrutura física, com reformas no prédio, como na pedagógica. A Prefeitura de Belo Horizonte sinalizou para um aumento no atendimento de crianças e a inserção do “Menino no Parque” em um projeto mais amplo. Diante das indefinições dessas ações, as oficinas, dentre elas a do Brincar, ao longo do segundo semestre, passaram por momentos de incerteza. Ao mesmo tempo, essas mudanças possibilitaram momentos de capacitação da equipe de edu-

cadores sociais, participação em discussões sobre novas diretrizes dos projetos, cursos de educação ambiental e com o educador Tião Rocha, potencializando a interação de toda a equipe do Parque.

Como resultados do projeto, a experiência nos trouxe o entendimento de que a vivência do lúdico é intrínseca aos sujeitos e não deve ser imposta; de que prazer e liberdade se fazem presentes em qualquer roda de crianças; e de que o trabalho do educador é mediar e possibilitar esses momentos, para que as crianças possam criar e recriar, apesar do contexto social em que se encontram.

A definição dos objetivos do projeto possibilitou a intervenção no sentido de contemplar os quatro pilares para a educação propostos pela Unesco: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, criando novas oportunidades para essas crianças verem o mundo, o outro e a si próprias.

Quanto aos alunos bolsistas, o estágio possibilitou a articulação entre a teoria e a prática, questionando seus próprios paradigmas, além de conviver e intervir em uma realidade social diferente da deles, relacionando-se com crianças de nível socioeconômico comprometido e em situação de risco.

ATENÇÃO AOS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS

EQUIPE

Professoras:

Ana Heloísa Senra/FCH

Tânia Ferreira/FCH

Valéria Barbosa de Resende/FCH
(Coordenação)

Alunas bolsistas:

Ana Lúcia R. Coelho

Vany Meyre

Patrícia Kelly L. Meireles

Alunos voluntários:

Ana Beatriz Gatti

Ednei Soares Oliveira Jr.

OBJETIVO GERAL

O objetivo geral do projeto é prestar serviços à comunidade, através da inserção de professores e alunos dos cursos de Psicologia e Pedagogia da FCH-FUMEC em pesquisas, intervenções pedagógicas e clínicas, possibilitando a formação de psicólogos e pedagogos comprometidos com projetos de inclusão e cidadania.

OBJETIVOS A SEREM CONTEMPLADOS NO CAMPO DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO

- Desenvolver atividades significativas que levem os alunos a construir competências no campo da escrita: habilidades de decodificação e codificação, produção e interpretação textual.
- Promover situações que contemplem as práticas sociais de leitura e escrita: ouvir e contar histórias, identificar e escrever o nome, identificar rótulos e escrever bilhetes.
- Observar o desenvolvimento das cri-

anças, no que se refere à construção de hipóteses sobre o sistema de escrita, e avaliá-lo considerando a diversidade de ritmos.

OBJETIVOS A SEREM CONTEMPLADOS NO CAMPO PSICOLÓGICO

- Oferecer às crianças um espaço de escuta e diagnóstico de seus conflitos psicológicos, através do atendimento individual.
- Oferecer às mães atendimento individual e dinâmicas em grupo, para elaboração dos conflitos psíquicos e grupais.
- Desenvolver dinâmicas de grupo que favorecessem a elaboração dos conflitos originados no grupo de mães que permanecessem na escola durante o período de aula dos filhos.
- Realizar palestras e debates com as mães sobre temas relacionados aos filhos e suas limitações.
- Realizar a discussão dos casos das crianças atendidas com as professoras e a psicóloga da escola.
- Desenvolver pesquisa nos prontuários da escola acerca da representação social da deficiência na comunidade escolar.

PALAVRAS-CHAVE

Alfabetização de portadores de necessidades especiais, letramento, sujeito portador de necessidades especiais.

METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido no período de abril a dezembro de 2003, na Escola Estadual Dona Argentina Vianna Castelo Branco, que atende a 270 alunos, portadores de deficiências múltiplas. A escola está organizada em 24 turmas, e o número de alunos atendidos por turma gira de 6 a 15. A escola utiliza-se das categorias “Educação Infantil” e “Educação Fundamental Inicial” para organizar as turmas. Os alunos que compõem as turmas da Educação Infantil, com idades entre 4 e 16 anos, não são encaminhadas para a escola regular.

Os alunos enturmados no Ensino Fundamental, com idades entre 12 e 25 anos, são aqueles considerados pela escola como “mais avançados”, principalmente no que se refere ao comportamento e socialização. São alunos que apresentam possibilidades de integrar-se ao sistema regular de ensino. O tempo de permanência dos alunos é integral (7h às 17h30). Além das atividades desenvolvidas em sala de aula com a professora, os alunos participam de atividades voltadas para os setores de culinária, marcenaria, artesanato, psicomotricidade e apoio pedagógico.

Para desenvolvimento do projeto, foram definidos os seguintes procedimentos:

1. Levantamento das demandas junto aos psicólogos e pedagogos que atuam na escola.

2. Planejamento/execução de ações clínicas e pedagógicas contemplando o atendimento individualizado e coletivo das crianças, dos adolescentes, dos adultos e das mães dos alunos.

3. Definição de três estratégias de atuação. A primeira consiste em realizar intervenções pedagógicas junto às turmas, visando ao desenvolvimento de competências lingüísticas. Trabalhar a alfabetização inicial (domínio do sistema alfabético) na perspectiva do letramento. A segunda estratégia consiste em realizar atendimento clínico às crianças, visando ampliar suas potencialidades. E a terceira contempla o atendimento clínico às mães das crianças, que ficavam aguardando o final das atividades escolares na entrada da escola.

RESULTADOS ALCANÇADOS

As intervenções pedagógicas foram realizadas de forma sistemática em uma turma caracterizada como Educação Infantil, composta por seis alunos, sendo duas meninas e quatro meninos. No início das observações, percebeu-se que a falta de planejamento diário da professora e a repetição das atividades, voltadas principalmente para a coordenação motora (cobrir pontilhados, colorir desenhos), favoreceram o desenvolvimento de uma atitude de inquietação e falta de concentração por parte das crian-

ças. Notou-se que as atividades desenvolvidas não contribuíam para a construção do sistema de escrita.

Realizou-se um diagnóstico das habilidades lingüísticas apresentadas pelas crianças:

Paloma, 7 anos, apresenta dificuldades na fala, emite apenas sons e não consegue formar palavras inteiras. Com relação ao comportamento, é extremamente agitada, mas já começa a desenvolver um comportamento interativo. É uma criança que não tem muito interesse nas propostas elaboradas pela professora. No processo de construção da escrita, não utiliza letras convencionais, elabora caracteres próprios e não estabelece correspondência entre os signos e os sons. Consegue escrever o nome próprio a partir de um modelo.

Cleiton tem 9 anos e apresenta-se agressivo com relação aos colegas. Não demonstra interesse pelas atividades. No processo de construção da escrita, escreve o nome com auxílio de um modelo, utiliza as letras do nome para escrever outras palavras.

Ítalo tem 11 anos, apresenta dificuldades na coordenação motora e na fala. Devido às dificuldades de interação comunicativa e da pouca freqüência às aulas, não foi possível realizar um diagnóstico mais preciso.

Jonathan tem 11 anos, seu comportamento varia em função da influência exercida

por um colega. Quando se interessa pela atividade, procura realizá-la com dedicação. Escreve o nome a partir de um modelo e na escrita espontânea usa letras convencionais e outros caracteres.

Rodrigo tem 11 anos, apresenta dificuldade na emissão das palavras e na coordenação motora. Apresenta-se tranquilo e interessado diante das atividades. Na produção escrita procura preencher todo o espaço do papel, utilizando-se de letras convencionais, principalmente as do seu nome, e de outros caracteres.

Deisy tem 12 anos, envolve-se com as atividades e interage positivamente com os colegas. Na construção da escrita, utiliza letras convencionais sem correspondência entre grafemas e fonemas. Escreve seu nome sem modelo.

A partir da atividade diagnóstica, foi realizado um planejamento, desenvolvido pela estagiária do curso de Pedagogia, sob supervisão da professora Valéria Resende. O planejamento envolveu:

- Contação de histórias;
- Reconto de histórias pelas próprias crianças;
- Escrita de palavras;
- Registro de histórias através de escrita ou desenho;
- Escrita espontânea do nome próprio;
- Colagem com letras do nome utilizando

revistas e jornais.

As intervenções psicológicas incidiram sobre quatro frentes de trabalho: atendimento individual, atendimento às mães, discussão de caso com os professores e pesquisa. Tais discussões visavam à delimitação dos motivos do encaminhamento, bem como ao cálculo acerca da possibilidade de atendimento no período de duração do projeto e do estágio. Ao longo do atendimento foram realizadas discussões sobre os casos com as professoras, a fim de favorecer a percepção das singulares expressões das crianças e ações coerentes com tais especificidades.

O atendimento individual foi realizado pela monitora do curso de Psicologia e pelas alunas do estágio profissionalizante, supervisionadas pela professora Ana Senra. As crianças foram encaminhadas pela psicóloga da Escola Dona Argentina.

Além das crianças encaminhadas pela Escola, também vem sendo realizado o atendimento individual de crianças encaminhadas pela monitora de Pedagogia, visando à evolução das crianças com as quais o trabalho pedagógico foi realizado.

A discussão dos casos com as professoras gerou a demanda de seu atendimento individual, que passou a ser realizado pelas estagiárias no Serviço de Psicologia da FCH-FUMEC, também sob supervisão da pro-

fessora Ana Senra. Embora inicialmente o projeto não tenha contemplado essa frente de trabalho, isto é, o atendimento psicoterápico das professoras, considerou-se sua importância tendo em vista a possibilidade de elaboração de conflitos psíquicos que estavam tendo efeito sobre o trabalho com as crianças.

O trabalho com as mães, sob supervisão da professora Tânia Ferreira, contempla três propostas:

- está sendo realizado o atendimento individual de seis mães que demandaram tratamento;
- estão sendo realizadas as dinâmicas de grupo com a participação de todas as mães que permanecem na escola durante o período de aula dos filhos;
- estão sendo realizadas palestras e debates acerca de temas demandados pelo grupo de mães, tais como sexualidade, realidade cotidiana, etc.

Além disso, estão sendo realizadas intervenções junto às famílias que não mantêm a frequência regular dos alunos na escola.

Visando ao conhecimento da representação social da deficiência na comunidade escolar, foi realizada pesquisa nos 210 prontuários da escola, e os dados foram categorizados, analisados quantitativa e qualitativamente pelo estagiário voluntário Ednei Soares Oliveira Jr., sob supervisão da

professora Ana Senra.

Por meio da pesquisa, detectou-se a necessidade de elaboração de um roteiro de anamnese que favorecesse a obtenção de dados específicos da história de cada criança e, ao mesmo tempo, que favorecesse a reflexão sobre a significação que essas crianças e suas limitações têm para os familiares, da qual decorrem diferentes formas de educação, relações afetivas, etc. Foi realizada a elaboração de roteiro de anamnese que contemplasse tais objetivos.

ESTUDO DE CASO

TRATAMENTO DE ENCOSTAS DA VILA SENHOR DOS PASSOS

EQUIPE

Professor:

Luis Fernando Farah de Araújo/FEA
(Coordenação)

Aluno bolsista:

Ernane Souza

RESUMO

Sob o prisma da aglomeração populacional urbana, existem áreas à margem da cidade formal que apresentam, além dos problemas comuns a esta, outros mais específicos, como o caso da ocupação irregular de encostas. Diante desse fato, que pode ser taxado como um fenômeno social e que é uma realidade dos grandes centros urbanos do Brasil, foi proposto e conduzido um estudo de caso, direcionado à Região Metropolitana de Belo Horizonte, para avaliar os potenciais benefícios alcançados a partir da adoção de ações estruturantes nas comunidades afetadas por tais problemas.

O local escolhido para desenvolvimento do estudo foi a Vila Senhor dos Passos, que há dez anos tornou-se alvo do Programa Alvorada, no qual o poder público, o terceiro setor e a comunidade local envidaram esforços para tornar mais segura e harmônica a habitabilidade dos moradores. O programa contemplava aspectos relacionados com moradia, proteção de encostas, áreas

de lazer e convívio social, sistemas viários e outros, mas apenas as constatações de proteção das encostas são abordadas neste artigo. Assim, segue-se a apresentação das observações produzidas.

PALAVRAS-CHAVE

Encostas, engenharia social, taludes, contenções.

INTRODUÇÃO

Para abrir e chamar atenção da especificidade abordada neste trabalho, é importante comentar que não são o foco principal, nem houve intenção de se analisar tecnicamente (*strictu sensu*), as medidas de estabilização dos maciços levadas a cabo na Vila Senhor dos Passos. As modalidades de intervenção apresentadas e comentadas no corpo do trabalho servem para ilustrar a atenção que carece ser despertada nos casos de ocupação de regiões sujeitas a acidentes, por falta de infra-estrutura urbana.

Por ocasião do desenvolvimento do Programa Alvorada, os riscos das encostas instáveis da Vila estavam relacionados à própria topografia acidentada do local, às características do processo irregular de ocupação e ao então degradado meio físico. O primeiro dos fatores foi melhorado pela implementação de algumas das intervenções técnicas constatadas no local (retaludamento, contenção ou ambos – que se dissemi-

naram inclusive por investimentos dos próprios moradores), enquanto o segundo e terceiro fatores são, ainda, alvos da conscientização estruturada da comunidade, para a qual a participação dos seus representantes é considerada elemento chave para o sucesso. Em se tratando de contenção, distintas concepções foram utilizadas na Vila, e por isto, durante as visitas ao local, o grupo de pesquisa identificou, registrou em fotografias e posteriormente avaliou as condições das ocorrências.

Ressalte-se que tal investigação, conduzida sobre obras que hoje contam com vários anos de utilização, resulta em um elenco de observações avaliativas sob a perspectiva do tempo. Por outro lado, salienta-se que, pelo fato de a equipe de pesquisa não ter tido acesso aos projetos executivos, toda a avaliação realizada desconsidera o dimensionamento das contenções, limitando-se tão somente aos juízos das observações de campo.

OBJETIVOS

Este trabalho tem como principal objetivo apresentar as impressões da importância da participação envolvente entre os vários segmentos da sociedade, como forma de tratar as deficiências/carências estruturantes para ocupação da cidade informal.

Como anteriormente já mencionado,

apesar de a pesquisa ter caráter mais amplo e abrangente, neste artigo é contemplado somente o aspecto de ocupação de encostas.

ABORDAGEM DOS CASOS DE OBRA

O problema de se conter um determinado maciço está, em primeira instância, relacionado com as forças geradas pelo maciço (empuxos de terra), que tende a se deslocar por efeito de algum fenômeno que “quebre” sua estabilidade natural. Nesse caso particular os volumes de solo mobilizados são de ordem de grandeza elevada, colocando em risco não só bens materiais, mas também, o que é pior, vidas humanas.

Proteções contra erosão

Os deslizamentos das encostas e taludes quase sempre são causados pela descuidada/desorientada intervenção antrópica sobre o meio físico, que, em primeira instância, está a favor dos processos erosivos (Figueiredo, 1998).

Ao cair no solo, a água da chuva estará sujeita a um dos três destinos naturais:

- 1) retornar à atmosfera pelo efeito da evaporação;
- 2) infiltrar-se pelas fendas e poros do perfil estratigráfico, reabastecendo os len-

çóis subterrâneos (nesse caso a saturação do subsolo pode provocar instabilizações de taludes, em função da redução dos parâmetros de resistência interna dos solos, diminuição acentuada da coesão aparente ou atuação de pressões hidrostáticas nos maciços terrosos;

- 3) escorrer pela superfície, abrindo sulcos que caracterizam a erosão.

Nesses casos, nenhuma medida aplicada pelo homem para combater a erosão e os escorregamentos por ela causados tem se mostrado mais econômica do que aquelas que copiam a natureza: são os métodos vegetativos. Além de eficazes, têm ainda as vantagens de serem executadas facilmente, com instalação de baixo custo e de grande efeito paisagístico. Porém, há que salientar que nem todo tipo de vegetação é recomendado ou indicado.

Assim, quando houver possibilidade de projetar taludes de encostas protegidos por vegetação adequada, esta será a melhor opção antes de se optar por algum tipo de contenção, que pode e deve ser evitada do ponto de vista econômico, estudando-se melhor a topografia local (Fig. 1).

O caso de Minas Gerais (Belo Horizonte em particular), que possui topografia acidentada, o problema de proteção de encostas reveste-se de especial atenção.

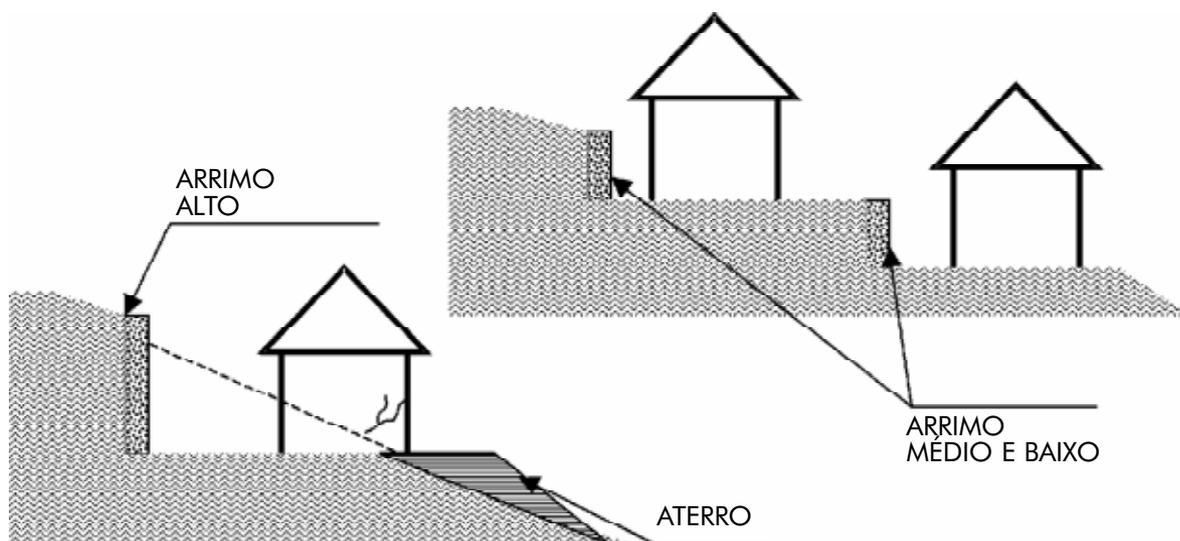


Fig. 1 – Otimização de cortes para implantação de edificação.

Alternativas para o controle de erosão

Nos locais onde já se instalou a erosão, é necessário contê-la (o mais rápido possível) através de tratamento preventivo, evitando-se que se desenvolva e se transforme em voçoroca (estágio avançado de erosão).

O controle da erosão pode ser conduzido pelo ataque aos fatores geradores, que são devidos aos escoamentos superficial e subterrâneo. Quanto ao escoamento superficial, pode-se controlá-lo, atuando sobre a vazão, a declividade (inclinação) e a natureza do terreno, de forma combinada ou isolada, de modo a deter o avanço com segurança e economia, sob o ponto de vista de execução e manutenção.

O controle da erosão causada pelas águas subsuperficiais é vinculado aos processos ditados pela engenharia geotécnica, que consistem de drenagem profunda, impermeabili-

zação de parte do maciço e estabilização das superfícies e pés dos taludes.

Cobertura vegetal

A proteção de taludes por meio de revestimento vegetal é prática comum no Brasil, porém a escolha da espécie vegetal deve ser motivo de criteriosa seleção, tanto por razões técnicas de adaptação da planta quanto por razões que realmente evidenciem e justifiquem sua aplicação. Dentre as espécies recomendadas destacam-se as gramíneas e as leguminosas.

A vegetação para proteção de encostas deve apresentar as seguintes características (também importante em relação ao quesito segurança):

- raízes profundas, capazes de provocar o intertravamento do solo;
- elevada densidade de cobertura, para que se obtenha um “tapete” denso e unifor-

me, atendendo às finalidades desejadas;

- rasteira, para não formar bolsões de cobertura alta que possam favorecer o acúmulo de água;

- dura e agressiva;

- resistente ao calor e à seca;

- de fácil adaptação aos diversos tipos de solo (argilosos, arenosos, calcáreos, etc);

- resistente ao pisoteamento;

- capaz de crescer ao sol ou a meia sombra;

- de crescimento habitualmente lento, para que, sem maiores gastos, possa sempre ser considerada rasteira.

Verificou-se na Vila a ocorrência de contenções de pé de talude associados com o tratamento superficial do talude remanescente através do uso de vegetação. Esta prática, utilizada para evitar os processos erosivos superficiais, depende de projeto, execução e manutenção apropriados.

No caso analisado, a vegetação original foi degradada, e atualmente o que se verifica é a existência de bananeiras e outros tipos de vegetação não apropriados às condições do terreno local. Além disso, constatam-se acúmulos de lixo entremeados por trechos de solo descoberto, sistema de drenagem (se foi construído em sua totalidade) destruído e um processo erosivo de pequenas proporções instalado no local.

Concreto projetado (proteção/contenção – grampeamento)

Esta técnica consiste na impermeabilização superficial de encostas através do jateamento de concreto (normalmente solidarizado à superfície da encosta através de uma malha armada, podendo ou não ser complementada por sistemas de grampeamento solidarizados ao solo). É importante ressaltar que não se trata de uma modalidade de contenção, quando simplesmente projetado, mas apenas um tratamento superficial que em algumas situações pode ser suficiente do ponto de vista de segurança da encosta.

Na Vila foram identificadas várias encostas que receberam esse tipo de tratamento superficial. Embora tenha uma execução especializada e apresente altos custos unitários, conceitualmente o método é simples: criar uma superfície de concreto moldada ao terreno para evitar a erosão superficial e a saturação do solo por infiltração de águas e, conseqüente, a diminuição de suas características internas de resistência.

Vantagens:

- rapidez executiva;

- custo/benefício equilibrado para encostas que apresentem grandes declividades e alturas.

Desvantagens:

- necessita de mão-de-obra especializada;

- alto custo unitário.

Recomendações:

- grandes encostas;
- taludes muito íngremes;
- é imprescindível garantir boas condições de manutenção do sistema de drenagem, pois a infiltração de águas pode levar o maciço ao colapso.

Observação: Sugere-se o desenvolvimento de tecnologia adaptada à execução “artesanal” por mão-de-obra local, resultando em menor custo unitário, principalmente para taludes com inclinações não elevadas.

CONTENÇÕES

Muro de bloco cheio

Consiste em uma modalidade de contenção para a qual são utilizados blocos de concreto, justapostos a “pilaretes” solidá-

os à fundação, preenchidos por argamassa ou concreto. Por ocasião do enchimento dos blocos são instaladas barras de aço com a função de combater esforços de flexão (Fig. 2).

Esse tipo de contenção foi encontrado em vários locais da Vila, apresentando alturas variadas, tendo sido alguns deles construídos por empresas especializadas e outros pelos próprios moradores.

As condições atuais desses muros são variadas. Alguns se encontram, aparentemente, em perfeitas condições, mesmo depois de quase uma década outros demonstram problemas de falta de manutenção, principalmente no tocante ao quesito drenagem.

Vantagens:

- facilidade construtiva: rapidez, transporte dos materiais, mão-de-obra sem gran-

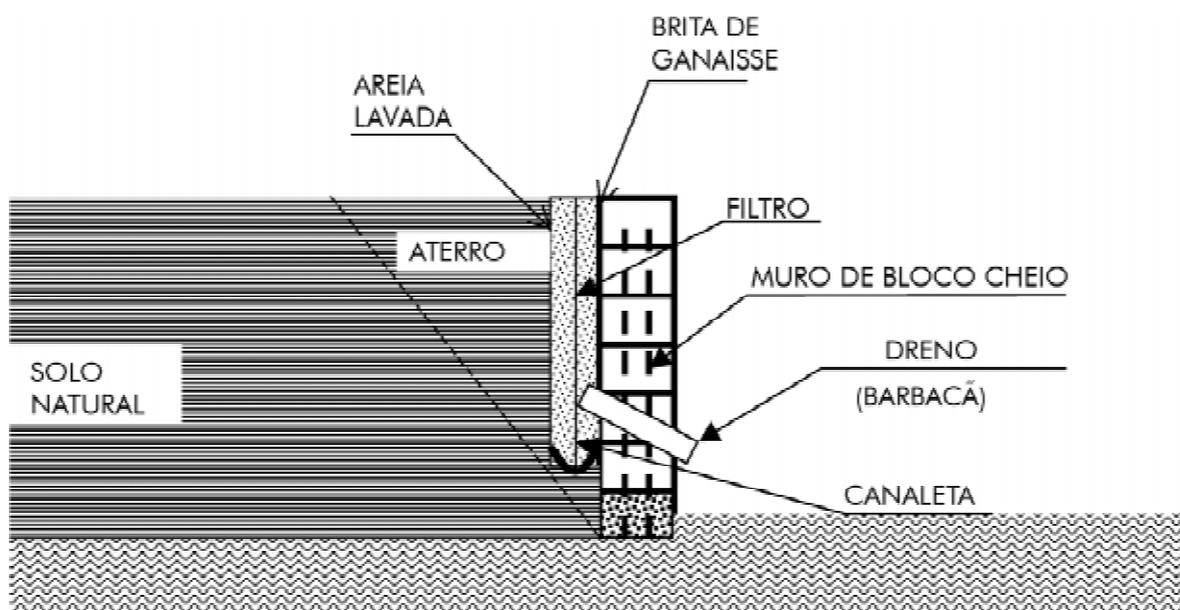


Fig. 2 – Muro de bloco cheio.

des qualificações;

- uso de pouca ou nenhuma quantidade de forma;
- econômico para pequenas alturas;
- facilidade de disseminação da técnica.

Desvantagens:

- custo/benefício diminui em função da altura do muro – não é recomendado para grandes alturas;
- a grande facilidade de disseminação desta técnica construtiva levou os moradores a aplicá-la, sem conhecimento técnico, em várias situações. A ausência de um dimensionamento adequado e de um acompanhamento técnico pode causar o comprometimento da contenção, colocando em risco a população.

Muro de concreto armado

Muito popular, o concreto armado é uma associação das características complemen-

tares do aço e do concreto, tornando-o apto, especialmente, aos esforços de flexão. Boa aderência entre os dois materiais e coeficientes de dilatação aproximados são os principais fatores que possibilitam essa integração.

Embora seja uma modalidade construtiva freqüentemente adotada na cidade formal, sua aplicação em vilas e favelas é menos freqüente, devido ao seu maior custo e à sua maior complexidade construtiva, que necessita de mão-de-obra mais especializada e maior espaço para trânsito de materiais e manobra.

Esta modalidade de contenção apresenta-se em menor incidência na Vila Senhor dos Passos, quando comparada com a modalidade “muro de bloco cheio”. Entretanto, dada a importância desta contenção, far-se-á a análise desta tipologia (Fig. 3).

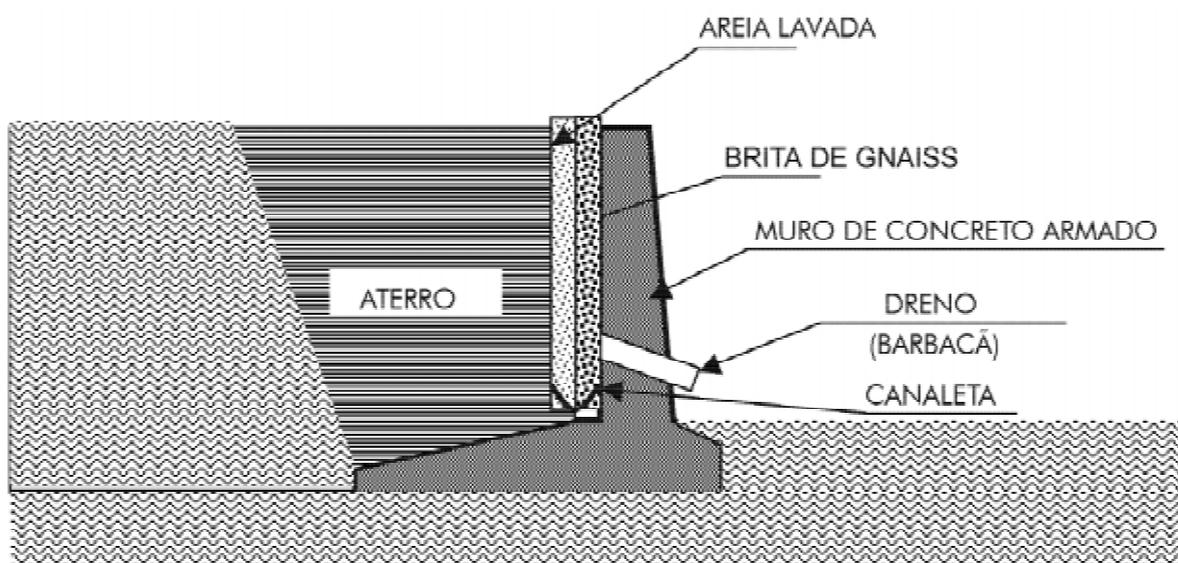


Fig. 3 – Muro de concreto armado.

Vantagens:

- boa relação custo/benefício para contenções de média altura (entre 2,00 e 4,00 metros);
- pouca manutenção (exceto a drenagem superficial);
- necessidade de menor espaço em comparação aos muros de gravidade (muro de peso);
- sistema construtivo bastante conhecido pelos operários da construção civil (oficiais e encarregados);
- solução muito flexível, especialmente para obras pequenas.

Desvantagens:

- necessidade de maior espaço para trânsito de materiais e manobras;
- necessidade de mão-de-obra mais especializada (carpinteiro e armador).

Recomendações:

- devem ser sempre executadas com projetos e acompanhamento técnico;
- exigem a construção de sistema de drenagem completo (canaleta de crista, caixa de areia ou brita, dreno vertical atrás do paramento, etc);
- conscientizar a população para não fazer uso indevido da estrutura (edificar diretamente sobre o paramento vertical, obstruir o sistema de drenagem, solidarizar a contenção à estrutura da casa, etc).

Gabião

É uma estrutura de contenção difundida em larga escala, devido à sua simplicidade técnica, que não requer mão-de-obra especializada.

O seu funcionamento mecânico se manifesta pela atuação da gravidade (a condição de estabilidade é garantida pelo peso do muro) e tirando partido do atrito despertado entre a base do muro e o solo de sustentação.

O gabião é uma das técnicas de contenção mais antigas na sua concepção original. Consiste na sobreposição de “pedras-de-mão” dentro de gaiolas confeccionadas com telas de aço. É uma estrutura que apresenta alta capacidade de deformação e alta permeabilidade (Fig. 4).

Na Vila foram encontradas algumas ocorrências do emprego de gabião, destacando-se a contenção localizada numa nova praça no interior do assentamento. Segundo os moradores da região, o terreno apresentava características próprias de um antigo brejo que havia no local.

Após ter sido construída de forma convencional, a estrutura recebeu uma camada de cobertura de argamassa de cimento e areia, com a finalidade de servir aos moradores locais como arquibancada de uma espécie de anfiteatro.

Não há dúvidas de que tal revestimento

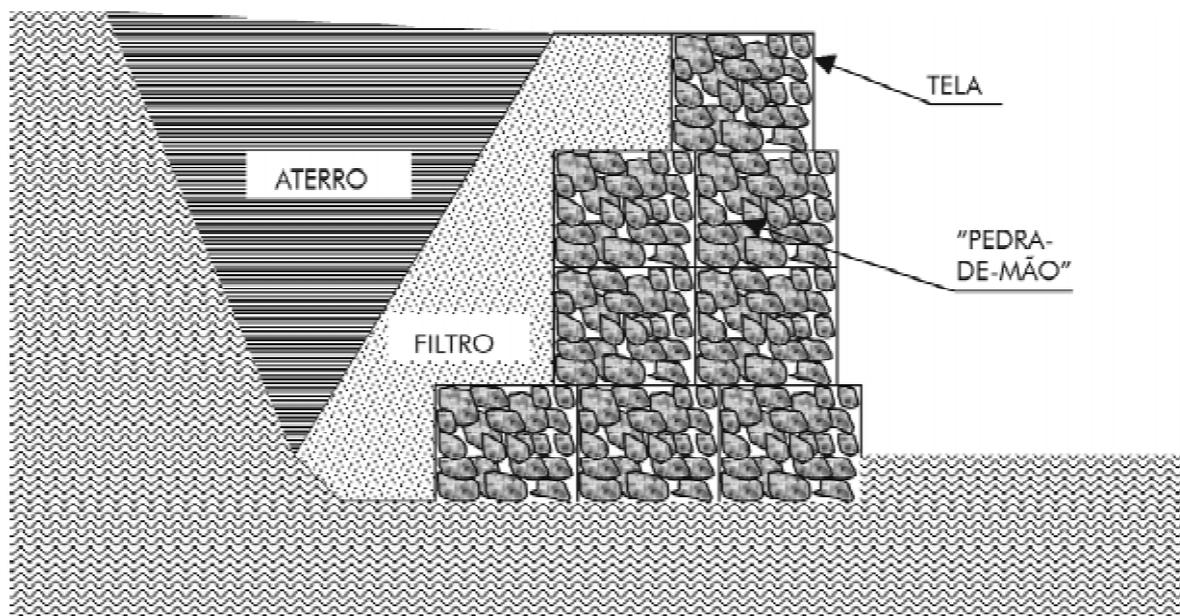


Fig. 4 – Muro de gabião

possa apresentar fissuras e trincas superficiais, com o passar do tempo, devido ao natural movimento de acomodação do gabião. Como alternativas complementares que buscassem o bom funcionamento da estrutura, poderiam ter sido adotados um sistema de drenagem específico (como canaletas que conduzissem as águas para um ponto seguro e adequado) e juntas de dilatação (transversais ao comprimento do gabião), de modo a prevenir fissuras e trincas superficiais do revestimento de argamassa.

Vantagens:

- suporta grandes deformações do terreno sem comprometer sua estabilidade (fato que pode ser indesejável para alguma situação específica);
- pode, eventualmente, dispensar um sistema de drenagem complementar, em ra-

zão de sua característica autodrenante;

- não apresenta problemas de convívio relacionados com juntas de dilatação;
- não exige fundações especiais;
- nos locais onde a “pedra-de-mão” é disponível em abundância, dispensa fundações, contraventamentos, formas e mão-de-obra especializada;
- a rapidez pela qual pode ser executada uma obra é também fator econômico decisivo a favor do seu uso.

Desvantagens:

- necessita de maior espaço para construção, devido à largura de sua base;
- a superfície porosa da estrutura apresenta vazios que podem acumular lixo e proliferar insetos e pequenos animais nocivos ao homem;
- o carreamento de partículas vindas da

montante pode causar colmatação da estrutura, eliminando sua característica de autodrenabilidade;

- exige grande movimentação de terra quando o desenvolvimento da base for a montante.

Recomendações:

- em locais em que há espaço suficiente para sua implantação;
- em terrenos de deformabilidade excessiva;
- conscientizar a comunidade para sua manutenção.

CONCLUSÕES

As análises das contenções e tratamento das encostas na Vila Senhor dos Passos indicam a necessidade de acompanhamento técnico contínuo, tanto para definições e projeto de obras públicas necessárias à estabilização das encostas, quanto para fins de apoio à comunidade, de forma que a mesma possa caminhar adequadamente, seja com recursos públicos ou dos próprios moradores.

Vários são os fatores que devem ser levados em consideração quando se pretende projetar soluções para estas áreas: o nível de comprometimento e a capacidade de ação dos moradores (necessários desde o momento de definição das obras a serem priorizadas – orçamento participativo, até

na questão de segurança e livre trânsito local para toda a equipe técnica envolvida no projeto de melhoria da Vila); a consciência ambiental; a alta densidade populacional; as possibilidades de acesso para equipamentos e materiais; a cultura da região; as condições geológico-geotécnicas locais (solo, inclinação de talude, carga, drenagem).

Por isso, cada situação problemática deve ser abordada de forma única por equipe multidisciplinar de técnicos e com acompanhamento de profissionais especialistas (sempre que necessário). Somente assim pode-se evitar que soluções aparentemente adequadas se demonstrem ineficazes com o passar dos anos, devido à negligência de algum fator (técnico ou antrópico) em sua concepção, implementação e utilização. Tal acompanhamento, de acordo com o nosso ponto de vista, pode ser conseguido através de uma solução de parceria entre o setor público (prefeituras, secretarias, etc), o terceiro setor (ONGs) e o setor privado (universidades, empresas, etc), buscando compartilhar o que cada um pode apresentar de melhor.

PROGRAMA ALFABETIZAÇÃO SOLIDÁRIA

EQUIPE:

Professora:

Valéria Barbosa de Resende/FCH

(Coordenação)

Alunos(as) participantes:

Goiás: Santa Cruz de Goiás, Palmelo, Cristianópolis - 2001

Ana Luíza de Almeida

Cláudio Herbert Gomes Novato

Daniela Dias dos Anjos Silva

Henrique Campolina

Luciana Duarte Albernaz

Marcus Carvalho de M. Júnior

Alagoas: Poço das Trincheiras -2003

Ângela Nancy Martini Barbosa

Anísia de Moura

Cláudio Herbert Gomes Novato

Vânia Regina Vianna

OBJETIVO

O objetivo geral do Programa Alfabetização Solidária¹ é atender a jovens e adultos de municípios com elevados índices de analfabetismo no país e, principalmente, desencadear um movimento de Educação de Jovens e Adultos.

As instituições de ensino superior têm como funções selecionar os alfabetizadores (*in loco*); organizar e desenvolver a formação inicial e continuada dos alfabetizadores; acompanhar a implementação das turmas de alfabetização nos municípios; organizar informações quantitativas e qualitativas.

PALAVRAS-CHAVE:

Políticas de alfabetização, alfabetização de jovens e adultos, formação de professores(as) alfabetizadores(as).

METODOLOGIA

Em 2001, o Centro Universitário FUMEC realizou acompanhamento nos municípios

¹ É um programa de alfabetização de jovens e adultos, coordenado por uma organização não-governamental sem fins lucrativos e de utilidade pública, e conta com recursos provenientes do Ministério da Educação, empresas, estados, prefeituras e sociedade civil. Foi criado em 1997, pelo Conselho da Comunidade Solidária.

de Cristianópolis, Santa Cruz de Goiás e Palmelo, situados no Estado de Goiás. Foram capacitados 12 alfabetizadores e atendidos 123 alunos para alfabetização. A existência de 850 analfabetos nos três municípios justificou a necessidade de implantação do projeto, mas, devido às dificuldades para selecionar alfabetizadores com perfil adequado e à precariedade da infra-estrutura, realizou-se o atendimento de apenas 15% do contingente de analfabetos.

Em 2003, a instituição passou a acompanhar o município de Poço das Trincheiras, situado no Estado de Alagoas. O atendimento ao referido município se justifica pela alta taxa de analfabetismo, que gira em torno de 53%.

O município de Poço das Trincheiras localiza-se a 216 km da capital alagoana, está situado no médio sertão, possui uma população de 13.222 habitantes, sendo 4.477 habitantes (com dez anos ou mais) considerados analfabetos, segundo dados do Censo de 2000. Foram organizadas dez turmas e atendidos 236 alunos.

O Centro Universitário FUMEC capacitou 23 alfabetizadores, que foram selecionados a partir de critérios definidos pelo programa: residir próximo da comunidade a ser atendida; não ter vínculo com o serviço público; apresentar disponibilidade para realizar o curso de capacitação; ter conclu-

ído o 1º grau; apresentar clareza na exposição de idéias, tanto na produção escrita quanto na oralidade. Os alfabetizadores participaram do curso de formação inicial, de 120 horas. Após a capacitação, ministraram aulas durante cinco meses e receberam uma bolsa mensal de R\$ 120.

Dos 23 alfabetizadores capacitados, constatou-se que quatro freqüentavam curso superior, sete haviam concluído ou ainda freqüentavam o curso de magistério, dez freqüentavam ou já haviam concluído o 2º grau científico ou profissionalizante e dois haviam concluído o ensino fundamental. Os alfabetizadores apresentavam experiências escassas de alfabetização, dificultando, muitas vezes, o trabalho em sala de aula.

Aliada à precariedade na formação dos alfabetizadores, havia uma exigência do programa, que impedia a continuidade dos alfabetizadores nos módulos seguintes. O objetivo era mobilizar o maior número de jovens desempregados para que continuassem os estudos. Contudo, sabe-se que o trabalho efetivo de alfabetização não pode ser concretizado em cinco meses de aula. Quando o alfabetizador começava a compreender os processos de aprendizagem dos alunos, ele era desligado do programa. Esta situação gerou dificuldades para a continuidade do programa nos municípios.

A capacitação dos alfabetizadores foi re-

alizada em dois momentos: formação inicial e formação continuada. No primeiro momento, prevalecia a transmissão de informações, a partir de uma prática dialógica. O segundo momento, o da formação em serviço, privilegiava a reflexão sobre as temáticas desenvolvidas na formação inicial. Tratava-se de um momento de confronto entre as discussões teóricas, a prática pedagógica e o saber construído ao longo da vida dos sujeitos, na perspectiva de resignificação e construção do conhecimento.

A formação inicial foi realizada no Centro Universitário FUMEC, e houve um envolvimento dos corpos docente² e discente, bem como a participação de professores convidados³. A participação das alunas do curso de Pedagogia foi fundamental no planejamento das aulas a serem ministradas pelos alfabetizadores nos municípios, na elaboração de atividades didáticas e no apoio quanto à infra-estrutura do curso. Os alunos do curso de Turismo organizaram as aulas culturais, priorizando os pontos turísticos de Belo Horizonte e uma visita à cidade histórica de Ouro Preto.

Houve participação também das alunas do curso de Comunicação Social, que entrevistaram a coordenação e os

alfabetizadores, resultando em um artigo publicado no jornal-laboratório do curso de Comunicação Social. Houve divulgação do programa e das músicas sertanejas de autoria de dois alfabetizadores, através da Rádio FUMEC.

Foram 120 horas de curso: aulas teóricas, oficinas, programação cultural, elaboração de projetos e de material didático. O eixo norteador do curso foi a discussão sobre a alfabetização na perspectiva do letramento, ou seja, não basta focalizar os processos de decodificação e codificação da língua escrita; é preciso possibilitar aos sujeitos conhecer os diferentes textos que circulam na sociedade, articulando sistema lingüístico com usos e funções do texto escrito. Nessa perspectiva, não cabe mais trabalhar, por exemplo, com famílias silábicas descontextualizadas, mas com estratégias perceptivas em que a leitura com sentido aparece em primeiro lugar.

Os temas tratados foram: métodos tradicionais de alfabetização e paradigmas atuais; discussão dos conceitos de alfabetização e letramento; oralidade e escrita; variedades lingüísticas; leitura e formação de leitores; e condições de produção do texto escrito.

2. Cristina Saraiva, Divina S. Lara Vivas, Irlen Antônio Gonçalves, Jeferson Froés, Maria Helena Guimarães, Oswaldo Manoel Corrêa, Thais Estevanato e Zaíra de Araújo Abreu.

3. Eduardo Sarquis, Laila Macaron, Rosângela Montadon e Valéria Luzia Ribeiro.

Outras dimensões do processo de ensino e aprendizagem também foram contempladas nos seguintes temas: cidadania social, fundamentos teórico-práticos do ensino da matemática; avaliação do processo de ensino e aprendizagem; gênero e escolarização de mulheres adultas; oficinas de contação de história; e artes cênicas.

A formação continuada dos alfabetizadores foi realizada nos municípios a partir de visitas mensais, durante o período de funcionamento das turmas de alfabetização. Os encontros de formação tinham por finalidade: socializar as práticas pedagógicas; discutir os problemas enfrentados em sala de aula; analisar as produções escritas dos alunos e propor intervenções; promover a leitura e discussão de textos teóricos; e elaborar o planejamento mensal.

Quanto à implementação das turmas, verificaram-se as seguintes dificuldades: falta de mobiliário, sendo que em uma sala de aula os alunos estavam escrevendo no chão; problemas relacionados à violência e medo (assaltos e assassinatos); iluminação precária, dificultando a realização das atividades; falta de merenda, causando muitas vezes dispersão e sono; vários casos de crianças que acompanham as mães, modificando a dinâmica de sala de aula e gerando dificuldades para o alfabetizador; e falta de material diversificado de leitura.

RESULTADOS ALCANÇADOS

A participação do Centro Universitário FUMEC no Programa Alfabetização Solidária contribuiu para:

- a) formação de 23 alfabetizadores(as);
- b) organização de 19 turmas de alfabetização, sendo atendidos 359 alunos(as);
- c) inclusão da discussão sobre Educação de Jovens e Adultos no currículo do curso de Pedagogia, confirmando a necessidade de investimento na formação do(a) professor(a) alfabetizador(a) de pessoas jovens e adultas;
- d) aprimoramento da formação profissional dos(as) alunos(as) de graduação dos cursos de Pedagogia, Turismo e Comunicação Social;
- e) intercâmbio entre experiências sociais e culturais diversas;
- f) conhecimento da realidade social, cultural e lingüística de diferentes regiões do país (Estados de Goiás e Alagoas) e elaboração de estratégias diferenciadas para o trabalho de formação do alfabetizador, bem como para o trabalho de alfabetização de adolescentes, jovens, adultos e idosos;
- g) fomento a pesquisas referentes aos processos de aquisição de conhecimento de adolescentes, jovens, adultos e idosos imersos em diferentes contextos;
- h) inserção crítica em programas sociais,

contribuindo para que um contingente maior de pessoas consiga se apropriar das habilidades de leitura e de escrita e possa usufruir dos bens culturais.

Referências bibliográficas

SCHON, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (org.) *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1992.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

RIBEIRO, Vera Masagão (org.) *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003.

UNISOL: UMA EXPERIÊNCIA, SEUS DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Professora:

Sônia Onofri de Oliveira/FCH
(Coordenação)

Alunos bolsistas 2002:

Amanda C. S. Nascimento
Érika de Assis Marques
Graziela Colares L. Suski
Kelly de Faria Nunes
Luciana Camargo Madureira
Márcia de Souza
Patrícia Moreira Freitas
Renata P. Carvalho
Rodrigo O. U. B. de Menezes
Vinícius R. L. N. Avelar

Alunos bolsistas 2003:

Aloisiana Lima Cunha Amorim
Christianne Louise Silva Barbosa
Fernanda Júnia de Oliveira
Guilherme Ziviani Pimentel
Juliana Urban de Menezes
Karen Rosângela Silva de Souza
Marlene Egg da Costa
Mônica Nunes de Andrade
Oswaldo Gomes Vieira Júnior
Raquel Helena de O. Miranda

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo descrever a experiência do Programa Universidade Solidária (UniSol), desenvolvido nos meses de janeiro/2002 e janeiro/2003 no município de Várzea da Roça, Bahia.

PALAVRAS-CHAVE

Extensão, comunidade, solidariedade, desenvolvimento sustentável, interdisciplinaridade.

CARACTERIZAÇÃO DO PROGRAMA

O Programa Universidade Solidária (UniSol), criado em 1995, por iniciativa do governo federal, foi transformado em 2001 em uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip). Procura mobilizar diferentes setores da sociedade, especialmente as instituições de ensino superior, para trabalharem em municípios pobres de

todo o país, colaborando assim para a melhoria da qualidade de vida de suas comunidades.

O programa está estruturado em três módulos: o Nacional, cuja ação envolve o intercâmbio de conhecimentos entre universitários de todo o país e comunidades do Norte e Nordeste brasileiros; o Regional, com o objetivo de incentivar o trabalho de extensão universitária na região onde se insere a universidade; e o Especial, envolvendo atividades direcionadas a um público específico ou a um objetivo predeterminado, como, por exemplo, as comunidade indígenas.

O UniSol tem como características primordiais a adesão voluntária das universidades e dos municípios para, em parceria, desenvolverem projetos, contribuindo para o desenvolvimento das comunidades, e tratem de temas de interesse da população, com caráter essencialmente educativo, não prevendo ações assistencialistas. Com o envolvimento direto e preparação das pessoas da comunidade, torna-as agentes multiplicadores locais, de forma a assegurar a manutenção dos projetos desenvolvidos durante as três semanas que a equipe universitária permanece no município.

Constituem objetivos do programa UniSol: “investir na formação cidadã de futuros profissionais, fortalecendo a respon-

sabilidade social, desenvolvendo a criatividade e a liderança jovem; contribuir para disseminar e consolidar a ação comunitária das universidades brasileiras, fortalecendo a área de extensão; colaborar para o desenvolvimento sustentável das comunidades, com atividades realizadas por professores e universitários versando sobre saúde, educação, organização comunitária, direitos humanos e cidadania, dentre outros temas de interesse da comunidade local”.

As universidades, como parceiras do programa, se responsabilizam por indicar um interlocutor institucional para manter contatos com a Coordenação Nacional do UniSol, viabilizando e assegurando o desenvolvimento do trabalho de campo, respondendo pela instituição junto ao programa e responsabilizando-se pela qualidade das ações realizadas e pelo cumprimento dos acordos firmados.

Também participam da seleção do professor coordenador e da equipe universitária que estarão participando da viagem ao município para desenvolvimento das atividades *in loco*. A equipe é formada por dez alunos, de diferentes cursos, garantindo-se a interdisciplinaridade das ações de desenvolvimento social e o atendimento das demandas diversas do município, de acordo com suas carências específicas.

O UNISOL E SUA HISTÓRIA NA FUMEC

No ano de 1998, uma aluna do curso de Psicologia questionou o coordenador do Setor de Estágios da Faculdade de Ciências Humanas FCH-FUMEC sobre o Programa Unisol. O referido professor e essa aluna empreenderam uma busca de informações junto à Coordenação Nacional, em Brasília, para que a FUMEC pudesse se incorporar ao programa. A partir desse contato, fizeram a inscrição da instituição, montaram e encaminharam o projeto, o que resultou na ida da equipe coordenada pelo prof. Thiago Fantini, do curso de Direito, para Cupira, interior de Pernambuco, em janeiro de 2000.

Em 2001, o projeto apresentado e aprovado teve a coordenação da profa. Silvana Lobo, e dele participaram estudantes das três unidades da Universidade FUMEC (FCH, FACE e FEA), um aluno do curso de Medicina da UFMG, convidado a integrar a equipe, e outro estudante custeado pela FCH, que partiram de Belo Horizonte para Ourém, no Estado do Pará.

Em 2002 foi a nossa vez. Professora do curso de Psicologia, fui selecionada para coordenar mais um Programa da Universidade Solidária - Módulo Nacional. O destino agora seria Várzea da Roça, município localizado no sertão da Bahia.

Em 2003, o mesmo município nos foi

indicado pelo programa, para darmos continuidade às atividades iniciadas por demanda da própria população do município. Novamente formamos uma equipe e nos dirigimos ao município de Várzea da Roça, com alunos selecionados das três unidades da FUMEC, além de uma estudante do curso de Medicina da UFMG.

A seleção dos alunos, a cada ano, constitui um processo difícil, porque é muito grande o número de candidatos ao trabalho de campo. O interesse e a motivação dos alunos mostram que as atividades extensionistas são um caminho de aproximação entre a realidade das universidades e a realidade social, contribuindo de forma decisiva para a formação do profissional cidadão, atento aos problemas regionais e nacionais.

UNISOL/FUMEC/ VÁRZEA DA ROÇA

As primeiras informações que tive sobre o Programa UniSol foram através de depoimentos dos colegas da FCH/FUMEC, que anteriormente estiveram desenvolvendo esse trabalho. Ao ouvi-los, em palestra de divulgação dos resultados para a comunidade acadêmica, algo me tocou no mais íntimo do meu ser, e bateu-me um desejo imenso de levar minha contribuição a alguma comunidade carente do Brasil.

Comuniquei meu interesse ao coordena-

dor do programa e aguardei com muita expectativa a decisão da instituição. Informada de que o próximo Módulo Nacional seria em Várzea da Roça e de que fora eu a professora selecionada para coordenar este programa, senti-me muito lisonjeada, pois poderia dessa forma realizar um sonho e enriquecer minhas atividades como docente e como cidadã.

A coordenação repassou-me algumas informações sobre o município que havia coletado na Internet, e reunimo-nos para discutir as primeiras providências para a viagem. O próximo passo foi realizar a viagem precursora, para conhecer o local onde iríamos trabalhar por 21 dias, mapeando as demandas e as principais carências. Rapidamente nos organizamos, e nos dias 10 a 12 de dezembro estive em Várzea da Roça, para diagnosticar as necessidades daquela comunidade selecionada pelo UniSol para a realização do trabalho de campo da FUMEC.

O município conta com uma população de cerca de 13.900 pessoas, sendo que 40% delas vivem fora da sede, em pequenas comunidades rurais. Apesar do pouco tempo para realizar os preparativos, pois estávamos no meio do mês de dezembro e a data para começar as atividades já estava agendada para 8 de janeiro, trabalhamos no sentido de desenvolver projetos voltados

para a realidade varzense.

Por mais que a visita precursora ajude na definição de ações, é impossível, em tão pouco tempo, conhecer a fundo um local e suas necessidades mais prementes. No entanto, com muita observação, buscando ouvir as pessoas responsáveis pelos distintos segmentos (educação, saúde, cultura, associações, instâncias governamentais), regressei munida de fartas informações para realizar a seleção dos estudantes e preparar a equipe para aquele trabalho.

Era difícil dimensionar o desafio que nos esperava. Mas, como nunca fui de fugir de desafios, decidi enfrentar mais esse. Responsabilidade? E como! Compromisso? Nem se fala! Amor, dedicação, ânimo, coragem, determinação, muita vontade de acertar. São posturas que não poderiam faltar em nenhum momento.

E assim foi que, no dia 8 de janeiro, partimos de Belo Horizonte rumo a Várzea da Roça. Falar dessa experiência, como coordenadora de campo do Programa UniSol/ Módulo Nacional, por dois anos consecutivos, deixa-me emocionada. A meu ver, só quem participa diretamente pode alcançar o significado, entender os objetivos nobres a que se propõe o programa, ensejando a todos um vasto campo de aprendizado, crescimento humano e profissional.

É muito claro para mim que, para reali-

zar uma atividade como esta, de tamanha envergadura, de maneira independente e individualizada, devemos deixar de lado o orgulho e a vaidade, aceitar nossa pequenez e buscar a união de todos para que, em parceria, possamos contribuir para o desenvolvimento sustentável de comunidades carentes, ajudando assim na melhoria de vida do povo brasileiro.

Esse intercâmbio de idéias e ações na busca de soluções para os problemas que afligem nosso povo faz-nos olhar de maneira diferenciada a vida. Com essa experiência aprendi o conceito de agente transformador e a trabalhar solidariamente em prol da cidadania.

Durante os dois períodos em que permaneci em Várzea, juntamente com os universitários, houve espaço para muitas trocas e momentos para ouvir os choros, as palavras de saudade dos familiares, as reclamações sobre o tempero diferente da comida baiana, a falta de água, o banheiro entupido, “as muriçocas” incomodando o sono, momentos para rir, para cobrar com energia os horários, o cumprimento dos compromissos assumidos.

Muitas vezes foi preciso usar autoridade, relembando as normas para o bom andamento dos trabalhos. Essa postura nem sempre era bem vista por alguns alunos, que se rebelavam, pois não compreendiam a fun-

do o papel de cada um nessa empreitada. Porém, pudemos ao final sentir que demos conta do recado, nossos objetivos foram cumpridos, e regressamos de Várzea com a gostosa sensação de que fomos úteis e de que aprendemos lições que marcaram para sempre nossas vidas. Mesmo vivendo momentos de turbulência, a responsabilidade sempre falou mais alto, e o desejo de acertar foi maior ainda. Resultado: nas duas ocasiões, avaliamos o saldo como positivo.

O retorno em 2003 trouxe-nos sensações de outra ordem. Voltar a Várzea da Roça significou responsabilidade dobrada. Da primeira vez havíamos como que mapeado a situação em geral do município; da segunda, a ação deveria ser mais direcionada e, portanto, com um resultado mais evidente. Na primeira viagem realizamos atividades muito enriquecedoras e que contribuíram para a melhoria das condições de vida das pessoas, principalmente das que viviam nas comunidades rurais. Mas a realização do trabalho nos trouxe a certeza de que teríamos e poderíamos fazer muito mais.

Foi por este motivo que aceitamos retornar, para prosseguir com o que havíamos iniciado. Era como se houvéssemos lançado a semente ao solo, e cumpria regá-la e vê-la germinar. Os frutos, certamente, não iríamos ver durante o período em que lá estivéssemos, mas tínhamos a convicção de

que seriam colhidos pelos que naquele município vivem.

E foi assim que, em meados de janeiro de 2003, após termos passado pelos mesmos procedimentos anteriores, ou seja, viagem precursora, planejamento de ações a serem desenvolvidas, tomamos a rota Minas/Bahia e chegamos a Várzea da Roça.

A receptividade não poderia ser melhor. O povo é hospitaleiro e já havia aprendido a gostar dos mineiros fumequianos. E, mais uma vez, partimos sabendo da importância do trabalho interdisciplinar e como cada área do conhecimento tem a contribuir com as demais, pois na prática os aspectos psicológico, físico, social e econômico agem de forma associada.

A meta de contribuir para a melhoria de vida da população tinha desta vez um diferencial: desenvolver atividades que pudessem gerar fonte de renda. Para isto, planejamos trabalhar com oficinas, ministrando pequenos cursos profissionalizantes, tais como: material de limpeza (detergente, desinfetante, água sanitária, sabonetes, xampu, sabonete), pintura e aplicações em blusas, velas decorativas e brinquedos pedagógicos com sucata. Vale ressaltar que essas oficinas foram muito bem recebidas por todos e contaram com grande participação da população.

Finalizamos o trabalho com uma feira,

onde não só os produtos confeccionados nas oficinas foram expostos, como também demos oportunidade aos moradores que já vinham confeccionando produtos artesanais de também mostrarem seu trabalho, incentivando-os e abrindo espaço para que seus produtos pudessem ser vendidos.

Outras tantas atividades foram desenvolvidas, e, como da primeira vez, privilegiamos a zona rural. Através de palestras educativas em relação à preservação do meio ambiente e à área de saúde, procuramos desenvolver uma nova perspectiva de vida para as pessoas.

Estivemos junto à Associação da Terceira Idade, criada por nós na primeira estada no município, bem como tivemos muitos momentos com as crianças, nos quais, além de trabalhar a recreação, transmitimos noções importantes sobre valores, cidadania, higiene, etc.

Um trabalho sistemático foi realizado na feira livre do município, tanto da primeira como da segunda vez. Essa feira que acontece todas as segundas-feiras e é o grande momento da vida social e econômica do município. Um diagnóstico sobre higiene na exposição dos produtos alimentícios, transporte e recolhimento de lixo levou-nos a reivindicar junto à prefeitura uma interferência direta na feira.

Percebemos que, de um ano para outro,

algumas modificações foram realizadas, mas que ainda não havia uma total conscientização da população sobre o problema, de forma que os próprios consumidores e vendedores encontrassem um denominador comum no que concerne a uma maior higienização dos produtos (principalmente a carne) ali expostos para venda e consumo.

Sabemos que, por mais que estejamos imbuídos, empenhados e comprometidos numa causa tão grandiosa, não temos condições de resolver uma problemática que é de caráter social e que não depende exclusivamente da boa vontade de alguns.

A experiência mostra que há que se ter no país políticas mais efetivas que se responsabilizem em desenvolver estratégias para propiciar condições mais dignas para nosso povo, sobretudo para os que vivem em regiões tão precárias e necessitadas, como é o caso de Várzea da Roça.

O município, assim como tantos outros no Brasil, não tem serviço de saneamento básico e bom tratamento de água. Tanto no que diz respeito à saúde quanto à educação, ainda há muito o que fazer.

Nesse momento em que a escrita me faz reviver essa gratificante experiência, só tenho palavras de agradecimento a Deus, pelas bênçãos recebidas, à Universidade FUMEC e ao UniSol, pela oportunidade

grandiosa e inesquecível que me proporcionaram.

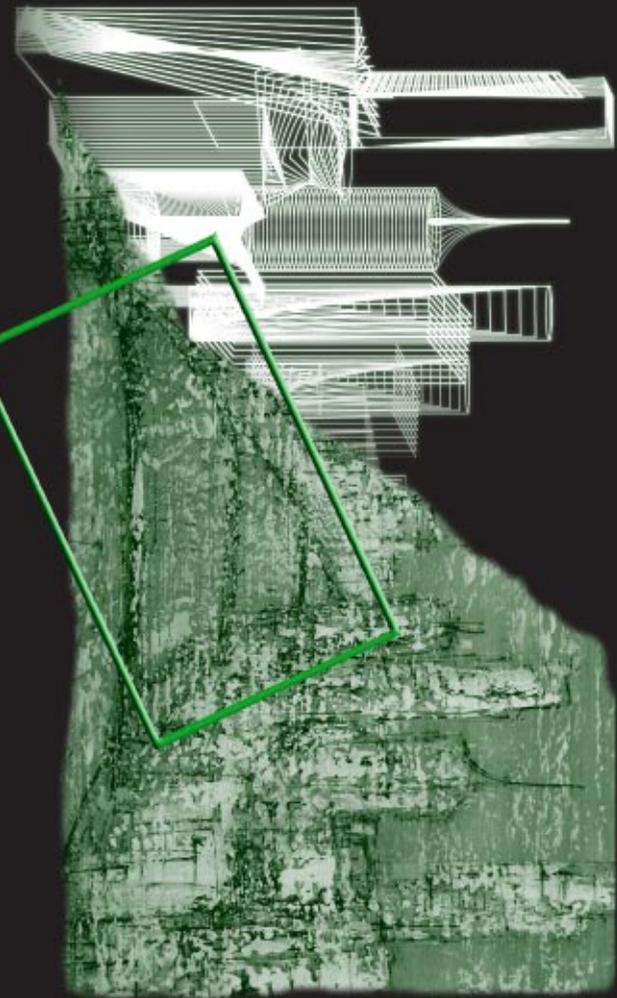
Os ganhos foram de todos os matizes, beneficiando a nós, como agentes de transformação, e à comunidade, que ficou sabendo através da nossa atuação de que também ela é responsável pelos seus caminhos de auto-sustentação e de amadurecimento como comunidade.

Referências bibliográficas

Catálogo UniSol de Projetos Sociais - Publicado pelo Programa Universidade Solidária, Brasília, 2002.

Catálogo Comunidade Solidária - Desenvolvimento de um Brasil Cidadão, Brasília, 2002.

ACADÊMICO/PROFISSIONAL



3ª Fet@ge

FEIRA DE TECNOLOGIA APLICADA E GESTÃO EMPRESARIAL

Professor:

Emiliano Vital de Souza/FACE
(Coordenação)

Quem realmente busca a excelência, em todas as suas dimensões, tem por obrigação premiar-se com o conhecimento cuja fonte está presente e mina em cada sala de aula. Esta fonte inesgotável de saber torna-se um manancial de idéias, discussões, quebras de conceitos e paradigmas que visam criar, formatar e desenvolver uma geração de profissionais para mudanças, desmistificando conceitos, exercitando o intenso relacionamento interpessoal, a criatividade, a competitividade e o comprometimento com os negócios da empresa.

Emiliano

A extensão é uma prática acadêmica que interliga a universidade, nas suas atividades de ensino e de pesquisa, com as demandas da maioria da população, possibilitando a formação de um profissional íntegro e ético, e se credencia, cada vez mais, junto à sociedade como espaço privilegiado para a produção de conhecimentos significativos que podem colaborar para o rompimento das barreiras do subdesenvolvimento e tornar a universidade mais solidária, mais participativa e mais cidadã.

A extensão universitária é um processo acadêmico delineado em função das exigências da realidade, indispensável na formação do aluno, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade, numa perspectiva multi, inter e transdisciplinar.

A FACE/FUMEC, ciente de sua responsabilidade social e na busca de novos caminhos, novos horizontes e novos desafios que possam melhorar e aprimorar os recursos oferecidos à comunidade acadêmica e à

população, tendo em vista as turbulências de uma economia globalizada, lançou em setembro do ano passado um conjunto de atividades de extensão, sob o tema 3ª Feira de Tecnologia Aplicada e Gestão Empresarial, a “3ª Fet@ge”.

A equipe de coordenação da 3ª Fet@ge contou com a participação do professor Emiliano Vital de Souza, responsável pela extensão universitária da FACE, da professora Elaine Porto Guimarães, responsável pela captação de parceiros e organização dos estandes, da professora Elisa Elaine Teixeira e da professora Maria da Conceição Rocha, diretora de Ensino e coordenadora geral da feira. A equipe contou com uma decisiva participação de 15 alunos durante todas as fases do planejamento e execução, e com outros de 36 alunos durante a fase de execução do projeto.

A 3ª Fet@ge foi desenvolvida durante uma semana, com resultados surpreendentes, porque foi um precioso instrumento no processo acadêmico, complementando e sedimentando os conhecimentos do nosso jovem empreendedor, da comunidade acadêmica do Centro Universitário FUMEC, de outras faculdades e da comunidade em geral. Foi um marco indelével para mudanças de atitude e criação de um foco para novos desafios.

Durante a feira, a FACE/FUMEC ofere-

ceu à comunidade um ciclo de estudos, reunindo 103 de palestras e debates e 135 cursos, ministrados pelos melhores profissionais que atuam no mercado, pelos nossos professores e professores convidados. Os temas ministrados durante as palestras e cursos envolveram a gestão de negócios, o comércio eletrônico, o mercado externo, o turismo, o ecoturismo, as telecomunicações, alimentos e saúde, dando aos participantes a vivência e o suporte para a entrada no mercado de trabalho com mais eficiência, mais confiança e solidez.

Os cursos, palestras e debates, envolvendo 16.500 inscrições, foram ministrados por profissionais de reconhecida competência nos meios acadêmico e profissional, dentro de uma premissa básica: os melhores profissionais da atualidade falando para os melhores profissionais do futuro.

A 3ª Fet@ge contou ainda com a participação de 44 estandes, nos quais os nossos parceiros – Caixa Econômica Federal, Telemar, American Airlines, H. H. Pichione, Unimed, Bovespa, RM Sistemas, Web Consult, C/Arte, Infoport Computadores, OAB/MG, Perfumes Adrian, Brasas English Course, Central de Intercâmbio, Editora Atlas, Conselho Regional de Contabilidade, De Ville Cerimonial & Promoções, Kelo Formaturas, Dona Benta Alimentos, Bombons Garoto, Sucos Mais, Buffet Bendita Clara,

Lerbach, Senac, Portal Uai, dentre outros – puderam avaliar a força que brota, para futuros negócios, no seio da comunidade acadêmica.

Durante a feira, as empresas fizeram exposição dos seus produtos e mantiveram um estreito diálogo com os participantes. A feira ainda contou com os Jogos FUMEC, com efetiva participação de alunos e professores do ensino médio de diversos colégios, como Dom Silvério, Magnum, Arnaldinum, Sagrado Coração de Jesus, São Tomás de Aquino, Santa Dorotéia e Edna Roriz. Os colégios participaram de uma animada competição, cuja *performance* foi aferida através de perguntas feitas aos grupos sobre o conteúdo programático cobrado nas provas do processo seletivo.

Dentre os diversos objetivos alcançados, destacaram-se:

- O amadurecer dos conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades e atitudes de nossos alunos, levando-os a quebrar paradigmas, inovando e se antecipando ao futuro, com previsões mais sólidas e coerentes;

- Desenvolvimento de potencial e coragem, criando uma geração para mudanças, desmistificando conceitos, exercitando o intenso relacionamento interpessoal, a criatividade, a competitividade e o comprometimento com os negócios da empresa;

- Geração e desenvolvimento de produtos, visualizando a cadeia produtiva, tendo em vista a gestão dos negócios, o mercado, o produtor, o produto, a mídia e o consumidor.

A Feira de Tecnologia Aplicada e Gestão Empresarial foi um marco importante para criar o inter-relacionamento empresa-universidade. As empresas tornaram-se conhecidas no mercado, expondo seus produtos, contactando e cadastrando clientes em potencial, melhorando a *performance* de seus funcionários, através da participação em cursos e palestras que foram ministrados no período, visando garantir boa fatia do mercado.

Durante a feira, foram sorteados vários prêmios, dentre os quais viagens para Nova York e Miami, ofertadas pela American Airlines; um curso de inglês e estadia em Toronto, Canadá, ofertado pela Central de Intercâmbio; uma viagem ao Hopi Hari, oferecida pela May Service Viagens e Turismo; uma estadia na Fazenda Pousada Monjolos, ofertada pela Web Consult; suprimentos de informática, oferecidos pelo Infoport Computadores; uma bolsa de estudos pelo Brasas.

Ao final dos Jogos FUMEC, foram realizados vários sorteios, entre os colégios participantes, dentre os quais os de um microcomputador, ofertado pela Infoport;

duas estadias na Serra do Cipó, ofertadas pela Deville Promoções e Eventos; duas diárias e um churrasco ofertados pela Fazenda Tauã; um curso de escalada e rapel na Serra da Piedade, ofertado pela Global Aventuras; e dez inscrições para o processo seletivo da FUMEC.

Durante o evento, registrou-se a participação especial da Polícia Civil, que disponibilizou seus serviços de confecção de carteiras de identidade para a comunidade, e do Ministério do Trabalho, elaborando carteiras de trabalho para o público em geral. Os resultados desses serviços foram bem expressivos: 320 carteiras de identidade e 82 carteiras de trabalho.

Por seu lado, a FACE/FUMEC cumpriu sua missão extensionista, contando com a participação da comunidade em seus diversos cursos de curta duração, resultando em uma melhoria do nível dos participantes e no conseqüente aumento da produtividade e do comprometimento do funcionário com sua empresa e com sua comunidade.

Referências bibliográficas

Plano Estratégico do Setor de Extensão – 2003 a 2007
ProEx 002/2002 e Relatório Geral da 3ª Fet@ge

REQUALIFICAÇÃO DA MINA DE MORRÔ VELHO

EQUIPE

Professor:

Sérgio Ricardo Palhares/FEA
(Coordenação)

Alunos bolsistas:

Carina Andrade Macedo
Denise Maria Garcia Macedo
Felipe Fontes
Geraldo Ribeiro Ferreira Neto
Kelly Dornellas de Castro
Lawrence Sóla
Lilian Ignacchiti Gonçalves
Maria de Fátima Sousa Tavares
Nicolas Antônio Afonso Pecchio
Pollyana Pedrosa
Ricardo Ferreira da Costa Ramos

CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

O projeto de extensão configurou-se a partir da participação da FEA no Concurso Internacional para Escolas de Arquitetura, promovido pela Fundação Bienal de São Paulo, ocorrido em São Paulo entre 14 de setembro e 2 de novembro de 2003. O tema do concurso abordou a realidade das metrópoles.

(...) As metrópoles evoluíram diferentemente em sua formação – algumas são muito antigas, sua origem se perdendo no tempo, como as do Oriente. Outras, como as europeias, nasceram como aldeias ligadas à produção rural (mera contingência de defesa), onde depois se estabeleceram as guildas medievais, consolidando-se através de séculos, e outras ainda, principalmente no Terceiro Mundo, praticamente explodiram em um, no máximo dois séculos, processo que se acentuou após a Segunda Guerra Mundial.

A revolução industrial, ou a industrialização, foi o indutor do início do crescimento exacerbado destas cidades, tornando-as pólos comerciais, administrativos, financeiros,

de poder, de cultura. Nas metrópoles encontram-se as melhores estruturas de educação e de saúde, de transporte e comunicação, os centros de diversão, o comércio diversificado, as sedes de empresas e bancos e a indústria. Muitas estruturas de produção, organizações e especializações só são possíveis nas metrópoles.

As conseqüentes oportunidades de trabalho e de realização, além da aparente qualidade de vida, tornaram-se um ímã, atraindo os moradores do campo para a cidade, movimento que se acentuou nos últimos anos com a mecanização da agricultura, além dos habitantes de regiões ou países mais pobres na busca de melhores condições de vida. Hoje, em todo o mundo, apenas uma pequena parcela da população reside no campo, e os moradores urbanos, na maior parte, nas metrópoles.

No Brasil usa-se o termo “tentar a sorte” quando se migra para os grandes aglomerados urbanos, sorte essa que sorri para poucos, indo os outros se amontoarem nos guetos de pobreza, favelas e cortiços, quando não se tornam míseros moradores de rua ou de abrigos da caridade pública. Em todas as metrópoles encontramos, em menor ou maior grau, essa dicotomia de setores de moradia sub-humana e os bairros sofisticados dos bem-sucedidos, privilegiados, nos quais impera o bem-estar.

O gigantismo urbano motivou a nucleação das metrópoles – sem qualquer referência à setorização de atividades da Carta de Atenas, mas simplesmente por natural conveniência –, as atividades econômicas e de serviços se agruparam em especializações, e os bairros formaram os subcentros de âmbito local, claramente caracterizados pelas castas econômicas, formando nódulos urbanos.

O gigantismo, por outro lado, gerou uma série de deseconomias e problemas, desde os ambientais, como a disposição de resíduos e poluição atmosférica, de abastecimento, principalmente de água potável, e de mobilidade, destacando-se os notórios congestionamentos, os fabulosos recursos despendidos na provisão de transportes de massa alternativos e o enorme volume de tempo desperdiçado pelos trabalhadores em seu deslocamento entre a residência e o trabalho.

Como produto de migrações, as metrópoles são cadinhos de cultura que, variando o mix de sua composição, formaram sua identidade ou personalidade própria. Mesmo as de crescimento recente possuem símbolos que compõem sua memória e expressam essa personalidade: edifícios, espaços, monumentos, etc, que foram importantes na sua formação e que retratam suas características.

Em todas elas, por outro lado, encontramos extensas áreas decadentes, degradadas, subutilizadas ou abandonadas, em decorrên-

cia da própria evolução da metrópole, da mudança de atividades econômicas ou da própria migração destas para locais mais privilegiados, e também como resultado de intervenções urbanas desastradas.

Geralmente esses setores são os mais antigos, célula inicial da metrópole ou razão de seu desenvolvimento, como as áreas administrativas, comerciais, portuárias ou industriais que deixaram de sê-lo e que guardam a melhor memória de sua formação. Todas as metrópoles hoje estão recuperando essas áreas, ou projetando ou pretendendo fazê-lo.

Se a industrialização foi o catalisador da formação das metrópoles, hoje elas passam por uma nova revolução, que teve início no último quarto do século passado – por razões ambientais, de mobilidade e transporte ou acesso a insumos, as metrópoles passam por um período de desindustrialização, gerando, entre outros problemas sociais, o desemprego, agravado ainda pela automação e robotização da produção, sendo gradativamente substituída esta atividade pela de serviços.

O avanço tecnológico nas áreas de informática e comunicações, no entanto, não tem apenas este aspecto perverso. Potencializou a produção intelectual e admi-

nistrativa, gradualmente, permitindo que esta se faça cada vez mais de forma descentralizada, evitando deslocamentos inúteis. Esta segunda revolução urbana, apesar de estar ainda em seu período inicial, já mostrou claramente que irá alterar de forma radical os hábitos e comportamentos da população e a estrutura urbana funcional das metrópoles.

Somando-se a isso (e não podem ser esquecidos), os novos recursos tecnológicos da construção e de manejo do espaço urbano possibilitam aos arquitetos propostas de impacto, formulando novas utopias, que servirão de parâmetro e referência para sua atuação no século XXI.¹

A proposta consistiu num projeto de conjunto de edificações e equipamento urbano inserido em área problema de influência da metrópole de Belo Horizonte, onde está situada a escola. Além da proposta das novas edificações, concebidas com a visão prospectiva, enfocou a preservação da memória local e recuperação do patrimônio cultural e ambiental. Paralelamente à inserção da tecnologia, esteve calcado na realidade e na exeqüibilidade técnica e econômica, de acordo com as condições locais, respeitando e potencializando o contexto cultural, social, político e econômico.

1. Texto extraído do Edital do Concurso Internacional para Escolas de Arquitetura, promovido pela Bienal Internacional de Arquitetura e realizado em São Paulo, em 2003.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROPOSTA

O Estado de Minas Gerais, desde fins do século XVII, tem sido foco de várias formas de extração mineral, com grande degradação ambiental, principalmente na região do Quadrilátero Ferrífero, onde se localiza Belo Horizonte. O aumento da densidade populacional na zona central da capital e o conseqüente decréscimo da qualidade de vida deslocaram a população de maior poder aquisitivo para o vetor sul da região metropolitana. Os vínculos de trabalho, educação e serviços, entretanto, mantiveram-se com Belo Horizonte.

Este vetor de crescimento urbano, embora necessário, é de implementação complexa, trazendo restrições, inclusive quanto ao impacto ambiental e à proteção dos mananciais de abastecimento da Grande BH, definidos pela APA-SUL (área de proteção ambiental, segundo a legislação estadual). Torna-se necessário a criação de um novo pólo gerador de crescimento econômico e desenvolvimento social, sob parâmetros condizentes com a preservação do patrimônio cultural e natural, com as diretrizes estabelecidas pelo Plano Diretor e com a vocação para o turismo ecológico, detectada nesta área da região metropolitana.

No caso específico de Nova Lima, cidade historicamente vinculada à mineração,

detectam-se problemas sociais e econômicos decorrentes da redução da exploração do ouro pela empresa mineradora Anglo Gold/Mineração Morro Velho. A partir deste contexto, o projeto proposto objetivou a requalificação de um dos locais de atividade da Mina de Morro Velho, junto ao núcleo urbano de Nova Lima: a área industrial da Mina Grande, localizada na Praça do Mineiro.

O sítio possui estruturas físicas remanescentes da atividade industrial, constituídas por galpões dos séculos XIX e XX, destacando-se uma série de edificações de valor histórico e arquitetônico. A mudança de paradigmas conseqüente da revolução tecnológica influi na lógica de composição dos espaços, possibilitando o remanejamento da estrutura física das edificações. Desta maneira, agrega-se potencial evolutivo aos objetos construídos, acompanhando a demanda de seus usuários.

O projeto de requalificação embasou-se nos parâmetros de sustentabilidade econômica, ambiental e social para Nova Lima, buscando a reinserção da área na trama urbana – a partir do conceito de permeabilidade –, por meio da criação de um sistema de espaços públicos e equipamentos de uso coletivo, da preservação da memória histórica e da ampliação da rede urbana já estabelecida pelo Plano Diretor (de acordo com os termos do Estatuto da Cidade).

METODOLOGIA

A abordagem de tema tão complexo requereu uma sistematização dos procedimentos de projeto a fim de que a proposta atendesse aos parâmetros do concurso na totalidade. Inicialmente, a equipe reuniu-se com um grupo de docentes da FEA, realizando um colóquio no qual a pertinência da proposta de requalificação da área da Mina do Morro Velho foi amplamente discutida. Em seguida, os alunos foram para o campo, fazer uma leitura da área de intervenção, bem como da cidade de Nova Lima, ocasião em que mantiveram contato estreito com os moradores e aferiram, na fonte, as carências sociais, econômicas e culturais da população.

Em permanente contato com professores orientadores, os problemas evidenciados eram discutidos à guisa de idéias que pudessem fundamentar a proposta de planejamento urbano e arquitetônico a ser desenvolvido. Reuniões semanais com o coordenador balizavam o desenvolvimento técnico e conceitual da proposta, o cumprimento das metas e dos prazos estabelecidos e das diretrizes do concurso.

RESULTADO

A formatação deste projeto de extensão inverte uma lógica de projeto que, via de regra, coloca os discentes em contato com

a realidade externa, atendendo a uma demanda de terceiros que certamente contribui para a complementação do processo de formação profissional. Para o nosso caso, a atividade de extensão esteve voltada para o meio acadêmico, trazendo para dentro da instituição uma discussão madura acerca dos problemas da metrópole, envolvendo corpo docente e discente em discussões sempre muito participativas e enriquecedoras.

A proposta de requalificação respondeu, com pertinência e consistência conceitual e técnica, à atual discussão sobre as metrópoles contemporâneas, a partir de novas práticas projetuais que certamente serão aplicadas pelos discentes envolvidos ao longo de sua vida profissional. O entendimento da dinâmica urbana gerou espaços públicos e privados fundamentalmente voltados para a função social, à qual devem responder.

Este trabalho recebeu menção honrosa no Concurso Internacional para Escolas de Arquitetura, destacando a FUMEC como instituição de ensino no cenário nacional e internacional e confirmando uma tradição de participação em eventos de arquitetura que contribuem significativamente para o fortalecimento da formação profissional dos seus alunos.

(RE)CONSTRUINDO UMA MEMÓRIA TÉCNICA COM REFERÊNCIA PARA APRENDIZAGEM

Professora:

Gabriela M. F. Ladeira Torres/FEA

Coordenadora

Aluna bolsista:

Melina Alves Gomes

INTRODUÇÃO

O Projeto Reconstruindo uma Memória Técnica é uma extensão das atividades curriculares do ciclo básico do Curso de Design da FEA-FUMEC, em Belo Horizonte. Pretende-se com ele elaborar um banco de dados de *designers* nacionais, nas quatro habilitações que o curso de Design privilegia: Moda, Interiores, Produto e Gráfico. Esses *designers* foram selecionados a partir dos interesses diversos na área, demonstrados pelos alunos de primeiro e terceiro períodos, nas disciplinas Atividades Culturais Programadas, ministrada pela professora Marina Gomide, e Antropologia Cultural, ministrada pelos professores Gilmar Rocha e Gabriela Ferreira Torres. Tivemos a oportunidade de receber alguns desses *designers* na FUMEC, para palestras, seminários, *workshops* ou atividades em sala de aula. Outros foram contactados pessoalmente pelos alunos, visitados, entrevistados, fotografados, filmados, participando efeti-

vamente como objeto de estudo das duas disciplinas citadas, dentro das ementas previstas para esse fim. É a partir do olhar dos alunos que o banco de dados de *designers* materializa-se. Nós, professores, monitoramos as entrevistas e visitas de dentro das salas de aula, com apresentações periódicas à classe ao longo dos semestres de trabalho, mas sem ultrapassar a fronteira da curiosidade, interesse e relação desenvolvida entre alunos e *designers*, sendo esse material completo ora apresentado, resultado exclusivo, aludido aos grupos de alunos em trabalho de campo. Refiro-me ao trabalho de campo de um antropólogo, pesquisador que se envolve pessoal e indefectivelmente com o seu objeto de estudo – o *designer*, no caso, com ele convivendo e registrando dados desse relacionamento diário que lhe possibilitarão atender melhor a sua cultura.

As três etapas principais do trabalho do antropólogo – o ver, o ouvir e o escrever – foram as determinantes metodológicas para o procedimento das abordagens, mais ou menos bem-sucedidas de acordo com o envolvimento dos grupos de alunos com o trabalho e a liberdade dada aos mesmos, pelo *designer*, de acesso ao seu ambiente de vida e trabalho pessoal. Buscamos exatamente registrar o processo de pesquisa do *designer* ao iniciar um projeto de trabalho,

seu processo de criação, o processo de produção e execução do produto final, nas várias modalidades do *designer* abordadas, e até mesmo a divulgação, recepção e relação com o mercado, do produto, *designer* e objeto de trabalho. Nesses moldes fixamos a temática dos questionamentos, a partir dos conceitos básicos, mas os alunos tiveram total liberdade para elaboração das questões, seu ordenamento e forma de abordagem dos *designers*. O trabalho final deveria constar de duas etapas. Uma era a apresentação para a sala, com breve biografia do *designer* e as respostas obtidas a partir das entrevistas, concluindo a respeito do seu projeto de pesquisa e de criação, pontos principais de interesse dos alunos do ciclo básico do Curso de Design. A outra, mais livre quanto ao formato, seria uma síntese de todo o levantamento da pesquisa de campo, elaborada como um produto final, fosse ela um vídeo, um *site* do *Design*, um *rap*, um dado escultural, um álbum de imagens, uma fotossíntese, enfim, o que o grupo de alunos considerasse melhor. O projeto proposto iniciou-se menos pretensioso, em sala, como trabalho para avaliação dos módulos da disciplina Antropologia Cultural que abordaram diretamente a aplicação da pesquisa antropológica ao *Design*. Porém o resultado de uma instalação de projetos finais em uma sala da Casa do Conde Santa

Marinha, onde ocorreu o encerramento e apresentação final de várias disciplinas do *Design*. Estamos falando da primeira turma desse novo curso da FUMEC. O projeto, divulgado, interessou a potenciais incentivadores, pelo seu idealismo. Entramos com a proposta como extensão, no Proex, e recebemos assim a oficialização para o conhecimento do mesmo. O início dos trabalhos, como projeto de extensão, ocorreu no segundo semestre de 2002. Pedimos para ele o ano de 2003, e ele agora se encerra. Denominamos o projeto, em sua fase inicial, em sala de aula, "Hélio Oiticica", e assim o apresentamos. É uma homenagem a quem soube voltar o olhar do público para a arte interativa, participativa, com interferência desse público, despertá-lo para as afinidades entre analogias estruturais, morfologias observáveis e que possam ser anotadas, construídas, criadas e expressas numa linguagem conceitual coerente, rigorosa nesse sentido. Papel do *design*.

MINAS GERAIS

Minas é gerais, é múltipla, esbalda conspiração desde Tiradentes. Protagoniza toques inevitavelmente contemporâneos em montanhas de criatividade. Cultua a tradição e vive de mãos dadas com a modernidade. Digamos: tem intimidade com a história e fascínio pelo frescor. Marcas assim tão dis-

tintas esculpem vocações vibrantes, superversatilidade, rotas cheias de inteligência e humor. Menos vira mais, sem nada expressa com tudo, composição de poesia e utilidade. Assim são os *designers* mineiros, elenco extenso (e intenso) de gente com jeito para encantar o mundo, identidade intacta. Glamurosos, práticos, politizados, incomuns. Hipnotizados ficamos nós para realizar o trabalho que você agora testemunha, habitados pelos sonhos desses homens e mulheres - mineirice em *design* -, realidade concreta nos filhos esplêndidos de sua arte e sabedoria. Princípios (quase) convencionais em entrevistas imprevisíveis, descoladas, retratos da perene semipermanência do espírito *griffe* MG. Conhecer quem desenha em Minas é degustar beleza, inovação, competência. Estranho, não é?, este país (e lá fora) nunca haver se preocupado em retratá-los juntos num quadro, bodas do povo mineiro, do Brasil. Trazer à tona esses personagens é mergulhar na possibilidade de nomes correndo à boca miúda pelo planeta, nosso desejo realizado pela FEA-FUMEC, Centro Universitário. Claro, escola de *design*. Fé no nome, pé na tábua: tem que fazer! Tem que mostrar! Educação como sinônimo de celebração do talento. Pode copiar. E seqüenciar: deve ter muito, muito mais. Sem perder a originalidade. Das Minas Gerais.

Prof^a. Marina Gomide

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Belo Horizonte,.... de.....de 2003.

Ao ...

Prezado Senhor,

Apresentamos a V. Sa. a aluna Viviane Teles Rodrigues, do 4º período do Curso de Design, habilitação em Moda, que cumpre com responsabilidade e dedicação seus deveres como aluna, regularmente matriculada. Enfatizamos a possibilidade de lhe oferecer uma oportunidade de estágio nesse conceituado estabelecimento, dentro das suas qualificações, o que, com certeza, só trará benefícios mútuos, inclusive acrescentando ao nosso Curso de Design. Colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos,

Atenciosamente,

Profª. Gabriela Maria Ladeira Ferreira Torres
Coordenadora Design de Moda FEA/FUMEC

HÉLIO OITICICA

A produção de Hélio Oiticica é marcada pela integração da arte e da experiência cotidiana. A anti-arte consiste em utilizar o cotidiano, motivando assim a sensibilidade e a criatividade do indivíduo. Este faz-se indispensável na criação e desenvolvimento dessas obras sensoriais e interativas, em que é necessário que o público “vista, toque e sinta” para que essa arte exista.

Alunos participantes:

Afonso, Alexandre, Danielle, Diego, Flávio, Luísa e Renata Melo, Marcello Millo e Laisa Bastos, Ana Carolina de Paula, Amélia Nazaré, Sílvia Gondim, Roberta, Lorena, Ângela Teodoro, Camila Normanha, Cristiane Mota, Daniela Chaves, Leiliane Bruna, Lorena Barbalho, Vera Campos, Fernanda Dupin, Gisele Katics, Marcela Chaves, Rachel Batista, Ricardo Lisboa, Aline, Thiago, Eduardo Santos, Gustavo Rocha, Júlio Brayhan, Fernanda Costa, Izabela Melo, Mayra, Shairon, Ana Carolina, Ludmila Bastos, Maria Amélia, Mariana Lima, Marina Maia, Andreza Mendonça/Danielle Robadel, Natália, Rafael Silva, Viviane, Virgínia, Olívia Borges, Thaís Dobem, Valleska Calixto, Ana Luíza Duarte e Juliana Cypriano, Cleber, Fernanda Passos, Luana, Mariana Marques, Rêmuldo Brandão, Edgard Almeida Bortoletto, Patrícia Barbosa Teixeira, Igor Clementino, Roger Leonardo, Antony Mendonça, Wagner Luiz, Antônio Carlos, Paulo Cassimiro e Eduardo Recife. Direção de Arte: Eduardo Carvalho de Almeida Filho; Diagramação: Eduardo Carvalho de Almeida Filho e Edgard Bortoletto; Programação Multimídia em Flash (CD): Cláudio Mendonça; Agradecimento: Marina Gomide

